

MATHEUS OLIVEIRA KNYCHALA BIASI

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E LITERATURA EM ÉRICO
VERÍSSIMO: O “CICLO DE CLARISSA”, A PROFESSORA
NORMALISTA.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA/ MG

2018

MATHEUS OLIVEIRA KNYCHALA BIASI

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E LITERATURA EM ÉRICO
VERÍSSIMO: O “CICLO DE CLARISSA”, A PROFESSORA
NORMALISTA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Educação), sob orientação do Professor Dr. Geraldo Inácio Filho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B579h Biasi, Matheus Oliveira Knychala, 1991-
2018 História da educação e literatura em Érico Veríssimo [recurso eletrônico] : o “Ciclo de Clarissa”, a professora normalista / Matheus Oliveira Knychala Biasi. - 2018.

Orientador: Geraldo Inácio Filho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5002>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Inácio Filho, Geraldo, 1951-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Av. João Naves de Ávila, 2121 = Campus Santa Mônica = Sala 1G156

CEP: 38.408-100 - Uberlândia/MG

Fone: (34) 3239-4212 = FAX (34) 3239-4212

www.ppged.faced.ufu.br = ppged@faced.ufu.br

Ata da defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Defesa de: Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 13/2018/642, PPGED

Data: 12 de março de 2018

Discente: MATHEUS OLIVEIRA KNYCHALA BIASI - Número de Matrícula: 11612EDU005

Título do Trabalho: **“História da Educação e Literatura em Érico Veríssimo: o cliço de Clarissa, a professora normalista”**

Área de concentração: Educação

Linha de pesquisa: **História e Historiografia da Educação**

Às 9:00 horas do dia 12 de março do ano de 2018 na Sala 1G 145 do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, reuniu-se a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação, assim composta: Professores(as) Doutores(as) Geraldo Inácio Filho - UFU orientador(a) do(a) candidato(a), Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho - UNIUBE e Wenceslau Gonçalves Neto - UFU.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadore(a)s, que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais.

Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o(a) candidato(a) A provado(a).

Sugerindo, as seguintes observações (se couber):

A banca depois de proceder à arguição e das respostas do candidato considerou-o aprovado

Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação e regulamentação internas da UFU.

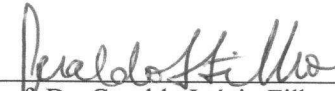
Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos às 11 horas e 40 minutos. Foi lavrada a presente ata que após lida foi assinada pela Banca Examinadora.



Prof. Dra. Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho



Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto



Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho
Orientador(a)

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Geraldo Inácio Filho – Orientador (UFU).

**Professora Dr^a. Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho
(UNIUBE).**

Professor Dr. Wenceslau Gonçalves Neto (UFU).

Suplente:

Professor Dr. Gilberto César de Noronha (UFU).

Dedico este trabalho:

Aos meus, que muito cedo partiram...

Tio Marcelo, que se fora muito antes de minha chegada.

*Avó Isabel, que partira nos momentos em que eu mais
me aproximava.*

*Meu Filho Primogênito, que não chegara a
conhecer este mundo, e levou consigo parte
de mim.*

AGRADECIMENTOS

Exercitar a escrita, expressar-se perante o próximo e elaborar missivas são, costumeiramente, tarefas apreciadas pelas pessoas estudiosas das áreas de humanidades. Portanto, desde o momento em que se dá o início de um trabalho acadêmico, nos quais sabemos que, de praxe, dedica-se um espaço para demonstrar gratidão, é comum que se reflita na forma com que serão emitidos os nossos mais sinceros agradecimentos, até a sua conclusão.

Evidentemente, agradecer é a forma mais comum de reconhecer que não estamos e que não fazemos nada, ou quase nada, sem a colaboração, a influência, e até mesmo o exemplo de alguém. E, diante de um trabalho universitário, símbolo de um determinado período de dedicação aos estudos, e expressão evidente da efetivação de um sonho, são lançados olhares diversos, o que faz com que nós, pesquisadores iniciantes, sintamos a necessidade de demonstrar àqueles que nos consultam, a importância de socializarmos o percurso social que empreendemos, por meio da gratidão e do reconhecimento verdadeiro de que necessitamos de apoio, incentivo, colaboração e, sobretudo, humildade.

Sou grato aos meus pais, Adalberto e Jussara, por me entregarem muito cedo ao mundo, tanto do trabalho, quanto da responsabilidade, e por não terem deixado de me observar longinquamente, preparados para prontos atendimentos que por ventura eu pudesse necessitar. Mas, afinal, me lançaram de tal forma já de casco duro a este mundo hostil e abstrato, que eu soube, até agora, me levantar das quedas incontáveis, reconstruir a carapuça, e guardar para mim as cicatrizes.

Com minha irmã, Marcela, dividi a infância, que, embora tenha sido curta demais para mim, sempre me traz boas e afetuosas lembranças. E ela, ainda estudante, quando recorre a mim, julgando ser eu a fortaleza, meu contentamento é silencioso, em contraponto com o meu olhar sisudo, e os conselhos de rabugento. Represento muito mais um místico do que um irmão,

afinal. Por ela, a minha irmã, o meu incondicional amor. E também por Fernanda, que foi um presente para todos nós.

Tive, ainda, a sorte de conviver com bisavós e avós, para os quais, é justo que eu reconheça: tudo é aprendizado, tudo é laço, tudo é vida, embora a “[...] saudade *corde* como aço de navalha [...]”. Durante as linhas que se seguem, por todo este trabalho, estarão impregnados os vossos ensinamentos: as poesias da Bisa Graciema, as longas horas de conversa com o Bisavô Lolico, o perfume de Ervas do Campo do quintal da Bisa Verônica, as tardes de saudade da Vó Izabel, e os ensinamentos raros, mas especiais do Vô Fernando.

Vão ficando para trás, também, o aboio mineiro do Vô João, de longe ou de perto, ouvido nos dias de lida com o gado, na Estância Córrego do Capim. Em consequência, se esvaem, aos poucos, as lembranças doces e emocionantes daquela Vó Márcia que parecia infalível, incontestável, indissociável de mim.

A outra metade da laranja, Nádia, a companheira *paciente*, de grande personalidade, entregue às vicissitudes do *Tempo e do Vento* sem titubear, tradicional ao extremo, a relíquia que muitas agruras enfrentei para encontrar, e foi na própria família que o fiz, “vieste com a natureza, com as mãos camponesas, plantadas em mim”, e a quem devoto gratidão pura e honesta. “Soltando meus barcos e velas ao vento”, chegaram Helena e Olívia, nossas filhas, anjos de mim, anjos de nós.

Os laços de amizade sedimentados concretamente com pessoas ilustres neste meu insólito Universo, foram fundamentais para que eu entendesse que é preciso coragem. Sou grato, neste aspecto, pelo fato de a vida ter me reservado um amigo, que se tornou irmão. Este é Luciano, de quem sou afilhado, compadre e padrinho. E, para além dos ensinamentos desde o tempo em que fui seu aluno, até hoje, existe a mais crescente interpretação literal da palavra amizade. E, não somente por ele, mas por toda a sua família. Obrigado!

Ao meu orientador de Mestrado, o Professor Doutor Geraldo Inácio Filho, a gratidão não vem como dever, como simples demonstração de afeto suscitado pela convivência, mas pelos sublimes exemplos advindos de suas histórias, de suas lições, suas experiências, e aquilo o que mais prezo nele, a simplicidade.

E, em se tratando de simplicidade, tenho orgulho da Banca Examinadora que se me apresenta. Portanto, honrado fico, também, pela análise do trabalho feita pelo inesquecível Professor Doutor Wenceslau Gonçalves Neto, do qual fui aluno e monitor, durante a graduação, e sempre admirei pela conduta séria, a fala ponderada, a organização impecável, e ser humano de um trajeto pessoal e profissional alcançado por poucos. Sempre grato por cada detalhe!

Além dele, fiquei extremamente contente com o aceite da Professora Doutora Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho, da Universidade de Uberaba (UNIUBE), em avaliar o presente trabalho. A ela, que me fora apresentada pelo Professor que orientou a pesquisa, devoto a minha expansiva gratidão.

Gilberto César de Noronha, advindo do que ele denomina, e sempre respeitei a denominação, “do centro do mundo”, o centro-oeste mineiro, desde o período em que me orientou no trabalho monográfico, no curso de História – UFU, até hoje, tem sido suporte intelectual de primeira ordem, sem jamais negar qualquer pedido de socorro diante do peculiar percurso acadêmico ao qual me submeti, para além, é claro, da amizade e do respeito. Além de Orientador no tempo da Graduação, integrante da Banca de Qualificação deste trabalho e agora Suplente de sua Defesa, os meus cumprimentos, carregados de gratidão!

Ao Bruno Bernardes Carvalho e ao André Luiz Oliveira, com quem compartilhei três disciplinas do Mestrado, muitos diálogos, momentos de tensão e alegria, e que, portanto, se tornaram grandes amigos, reverencio-os pelo esforço e companheirismo.

Aos meus professores, desde as séries iniciais até as finais, aos meus colegas de trabalho com quem tive, tenho e terei ainda muito a aprender e a compartilhar, um agradecimento especial. Ao contrário do jogo denominado “Quadrilho”, no qual é necessário escolher as melhores parcerias para obter sucesso, fui agraciado por forças terrenas e não terrenas por ter vocês, que por si já representam as melhores parcerias!

Portanto, a esta brava gente, o meu mais puro afeto!

Helena deixou-se cativar desse sentimento de abstenção e elevação; se alguma dor ou remorso a pungia, esqueceu-os, por um minuto ao menos, entre aquelas paredes desalviadas, diante de um padre, entre uma imagem de Jesus e as obras vivas do Criador.

Helena – personagem de Machado de Assis.

Descobri que a paz interior só se conquista com o sacrifício da paz exterior. Era preciso fazer alguma coisa pelos outros.

O mundo está cheio de sofrimento, de gritos de socorro. Que tinha eu feito até então para diminuir esses sofrimentos, para atender a esses apelos? Eu via a meu redor pessoas aflitas que para se salvarem esperavam apenas uma mão que as apoiasse, nada mais que isso. E Deus me dera duas mãos!

Olivia – personagem de Érico Veríssimo.

Entre os tipos enunciados como localizados no meio caminho entre os individualizáveis e a massa estava a figura da professora primária ou normalista, (re)conhecida como Isca de Malandro. Em primeiro lugar, destacava-se na comunidade por ser das raras mulheres a exercer um papel social reconhecido como relevante fora do espaço doméstico: tinha algum grau de estudo e trabalhava fora: seus maridos eram vistos como "vampiros sociais", "marido de Sá mestra", "mamador cynico, cômico, despreocupado... feliz!".

(NORONHA, Gilberto Cezar de. *Viagem aos sertões enunciados [manuscrito]*: conphigurações do oeste de Minas Gerais. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. (Uberlândia, 2011, pp. 262 – 263).

RESUMO:

O presente trabalho, em formato de Dissertação de Mestrado, propõe o estudo de cinco obras do escritor e literato gaúcho Érico Lopes Veríssimo (1905 – 1975), nas quais a docência é representada por meio de símbolos, gestos, características fisionômicas, políticas, sociais, econômicas e morais das personagens, com destaque para a professora Clarissa, que permeia todas as obras. Dissertar sobre tais elementos será a força motriz deste trabalho; e as obras que compõem o denominado “Ciclo de Clarissa” são *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935), *Caminhos Cruzados* (1935), *Um Lugar ao Sol* (1936), e *Saga* (1940). Para realizar um paralelo entre história e literatura, incluindo, neste íterim, a história da educação no início do século XX, foi necessário estabelecer categorias de análises e estudos sobre esta relação entre *Clio* e *Calíope*, bem como adotar o conceito de representação, explorado por Roger Chartier. Destaca-se, diante de todas as propostas do trabalho, o potencial que o cotidiano das personagens, sobretudo Clarissa – e suas observações sobre o outro – evidenciam uma realidade possível dentro do contexto literário em paralelo com a realidade do momento histórico em que as obras são escritas.

PALAVRAS – CHAVE: História – Literatura – História da Educação – Érico Veríssimo.

ABSTRACT:

The present work, in the form of Master Dissertation, proposes the study of five works by Gaucho writer and literate Érico Lopes Veríssimo (1905 - 1975), in which teaching is represented through symbols, gestures, physiognomic, political, social characteristics, economic and moral of the characters, especially Professor Clarissa, who permeates all works. Dissertation on such elements will be the driving force of this work; and *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935), *Caminhos Cruzados* (1935), *Um Lugar ao Sol* (1936), and *Saga* (1940). In order to draw a parallel between history and literature, including in the meantime the history of education in the early twentieth century, it was necessary to establish categories of analyzes and studies on this relation between Clio and Calliope, as well as to adopt the concept of representation, explored by Roger Chartier. In the face of all the proposals of the work, the potential that the daily life of the characters, especially Clarissa - and their observations on the other - highlights a possible reality within the literary context in parallel with the reality of the historical moment in which the works are written.

KEYWORDS: History – Literature – History of Education – Érico Veríssimo.

SUMÁRIO	PÁGINA
I – Lista de siglas	14
II – Lista de Imagens	15
III – Introdução	16
Capítulo 1 – Os intrépidos anos de 1920 e 1930: algumas considerações	23
Capítulo 2 – O Ciclo de Clarissa: da década de 1920, ao fim da década de 1930 do século XX	29
Capítulo 2. 1. De <i>Clarissa</i> a <i>Um Lugar ao Sol</i>	53
Capítulo 3. <i>Caminhos Cruzados</i> e <i>Um Lugar ao Sol</i>: a educação em outro ângulo	57
Capítulo 3. 1. Os tempos escuros e a volta ao lugar ao Sol: <i>Saga</i>	60
IV – O autor e sua obra	63
V – Considerações finais: “<i>Palavra, palavra: se me desafias, aceito o combate</i>”¹	65
VI – Imagens	69
VII – Referências Bibliográficas	75

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 13 – 15.

I – Lista de siglas.

Nome da obra:	Sigla:
<i>Clarissa</i>	CL
<i>Música ao Longe</i>	ML
<i>Caminhos Cruzados</i>	CC
<i>Um Lugar ao Sol</i>	LS
<i>Saga</i>	SG

II – Lista de Imagens:

Título da Imagem	Página
1 – Contra capa do Livro “ <i>O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo</i> ”, (Livro de arquivo pessoal).	69
2 – Páginas iniciais com as informações do livro, inclusive com o nome dos colaboradores que escreveram artigos que compuseram o mesmo, (Livro de arquivo pessoal).	70
3 – Comentário dos Editores sobre os 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo, ainda na obra “ <i>O Contador de Histórias</i> ”, (Livro de arquivo pessoal).	71
4 – Imagem de Érico Veríssimo, presente no livro “ <i>O Contador de Histórias</i> ”, (Livro de arquivo pessoal).	72
5 – Fac-símile, presente no livro “ <i>O Contador de Histórias</i> ”, sobre o livro <i>A Volta do Gato Preto</i> , também de autoria de Érico Veríssimo, (Livro de arquivo pessoal).	73
6 – Homenagem de Mário Quintana à vida literária de Érico Veríssimo, e a celebração pela amizade dos dois, presente no livro “ <i>O Contador de Histórias</i> ”, (Livro de arquivo pessoal).	74

III – Introdução:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra que nos exprime. Senão for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõe, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam – dos quais se formavam os nossos. (CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos Decisivos 1750 – 1880*. São Paulo/ Rio de Janeiro: FAPESP/ Ouro Sobre Azul, 2009, p. 10).

Tendo encontrado, nos idos anos de 2004, sob uma velha mesa de Bálsamo da Estância Córrego do Capim, ou Fazenda Sobradinho, na zona rural do Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, em Uberlândia – Minas Gerais, aos 13 anos de idade, um livrinho simplório, de folhas já muito amareladas, porém com uma imagem instigante em sua capa – uma moça, de traços não evidentes, com um guarda-chuvas, a caminhar por uma viela sombria e, portanto, lembrando tempos chuvosos que há muito eu não vivenciava – interessou-me saber o objetivo pelo qual ele ali se encontrava.

Deixei que se passasse o restante da manhã, toda a tarde do dia, e o surgir do anoitecer, sem pestanejar, vigilante sobre o livro, a certa distância, e com apreensão pouco descritível. Estando movimentado o casarão, o pequeno objeto, que me havia roubado o dia, e me desviado dos sérios afazeres de uma criança de 7^a série, constatei que ele havia sido ignorado. Tomei-o para mim, então.

Por ironia do destino, ou capricho dele, sabedor do que hoje seria feito do objeto ora descrito, este último passaria a furtrar-me não somente os sérios afazeres, mas também longas tardes, nas quais me dediquei por sua leitura duas, três e, certa feita, quatro vezes: *Música ao Longe*. Com uma linguagem simples, porém reflexiva, acontecimentos curiosos e, sobretudo, sua atualidade pelo que eu observava no parecido casarão – aquele em que eu vivia, e aquele em que viviam os Albuquerque – iniciei-me

na leitura de incontáveis obras, não somente as de Érico Veríssimo, autor do curioso livro que passou a pertencer-me, mas sobretudo as dele.

Cresci, então, com D. Clemência, João de Deus, Amâncio e Jovino, Tia Zezé, Tia Zina e todos os hóspedes de sua pensão, com destaque para o frágil Amaro Terra, Vasco Bruno – em quem logo me tornei: o gato-do-mato –, D. Cleunice, o fabuloso Senhor Leocádio Santarém, e Clarissa...

Logo vieram Ana e Bibiana Terra, Rodrigo Cambará, a forte e sisuda Maria Valéria e um sem-fim de personagens que povoaram e povoam a minha existência e, confesso, a minha incapacidade de ceder ao moderno, ao me lançar de corpo e alma à saga das tradicionais famílias incorporadas às obras de Érico Veríssimo.

Surge, então, durante a graduação em História, na Universidade Federal de Uberlândia, a possibilidade, outrora por mim ignorada ou desconhecida, de unir o deleite pela leitura literária, ao denso trabalho historiográfico, rigoroso e criterioso, porém já em uma fase de abertura às novas abordagens, aos novos temas de pesquisa, e amparados por muitos estudiosos e pesquisadores das Universidades espalhadas pelo Brasil, e também as do exterior, sendo algumas delas ainda mais avançadas neste aspecto. E, eis que elaboro, com o auxílio inexorável do Professor Dr. Gilberto César de Noronha, o trabalho monográfico intitulado *Campo e Cidade “N”um Lugar ao Sol*, de *Érico Veríssimo*, defendido e aprovado aos 22 dias do mês de Fevereiro do ano de 2013.

Tendo-me deslocado do Instituto de História, em virtude da conclusão do curso, e já funcionário concursado da Prefeitura Municipal de Uberlândia, com o cargo de Especialista de Educação – Orientador Educacional, aos 20 anos de idade, possuindo Especialização em Orientação Educacional, Supervisão Escolar e Inspeção Escolar, optei por prestar o Processo Seletivo de 2016 para o Mestrado em Educação e, mesmo estando ocupando o dilacerante cargo de Diretor Escolar, fui aprovado no Processo e concluí, já no 1º Semestre de 2016, todos os créditos de disciplinas, bem como os de horas complementares.

Acreditando encontrar-me com um Projeto prático em mãos, no qual trataria da história da instituição escolar da qual faço parte, me deparei com documentação insipiente e/ou inexistente, tomada para fins privados, ou descartada pela própria cultura de não preservação da memória de que o Brasil ainda é vitimado. Nestas circunstâncias,

enxerguei novamente a possibilidade de trabalhar com aquilo o que, realmente, me contentaria: as relações entre História e Literatura.

Assim, tendo mudado de Orientador de Mestrado, encontrei no Professor Dr. Geraldo Inácio Filho, o apoio de que necessitava para, além de me sentir motivado a dar continuidade ao curso, escolher o objeto de pesquisa que me satisfizesse enquanto pesquisador, e enquanto pessoa.

E, ora se apresenta o resultado, plausível ou não, de uma tentativa esforçada de explorar as obras literárias e os estudos já feitos em linhas de análises semelhantes. Confesso, e nada mais justo, ter me deparado com a dificuldade, por necessidade, de, tantas vezes, deslocar o prazer e o gosto pelas obras, para respeitar o trabalho historiográfico de caráter científico, e não somente contemplativo de passagens que marcaram a formação e a constituição de meus modos de vida e de pensamento. Sentimentos que se entrecruzam com o que reflete Sandra Jatáhy Pesavento, que escreve:

A sintonia fina de uma época fornecendo uma leitura do presente da escrita pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu ou do Tio Goriot e de Eugène de Rastignac terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam não no acontecimento da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, Para além do confessável, por exemplo. (PESAVENTO, 2006, p. s/nº).

Eis que o trabalho que se segue possui um caráter peculiar. E, talvez, aí esteja o seu apanágio. Foi de grande responsabilidade assumir a (re)leitura de cinco obras literárias com um componente humano extremamente amplo. E, para além da releitura – e não somente delas, mas das obras de pesquisadores que referendam a pesquisa – o desafio de encontrar os detalhes que permitissem com que as propostas alinhavadas para elas, se tornassem viáveis.

Ocorre que cinco obras do autor gaúcho Érico Lopes Veríssimo, nascido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no ano de 1905, e falecido no ano de 1975, foram escolhidas, ou se fizeram escolher, por trazerem a nós, leitores, o ciclo de vida de uma

professora normalista, Clarissa, presente nos seguintes livros: *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935), *Caminhos Cruzados* (1935), *Um Lugar ao Sol* (1936) e *Saga* (1940).

Com exceção de *Caminhos Cruzados*, que parece interromper, de maneira nada sutil, o “Ciclo de Clarissa”, embora ela e várias outras personagens nele permaneçam, a obra é escrita antes de *Um Lugar ao Sol*, que, pretensamente, seria a continuidade de *Música ao Longe*. Parece-me que Érico Veríssimo se precipitou, de maneira hostil e agressiva, o que ele mesmo confessa, em epígrafe, na necessidade de desenhar uma sociedade hipócrita, nos anos de 1930, e em que nada favorecia aos pobres, enquanto a economia parecia estagnada, como apresentarei adiante.

Em busca de compreender o momento histórico em que as obras em estudo foram compostas, e, além disso, procurar compreender se Clarissa seria uma representante, ou uma metáfora representativa do (a) docente que perpassa os finais dos anos de 1920 e início dos anos de 1930, foi necessário ir de encontro a estudos consistentes sobre tais períodos, destacando-se, neste aspecto, os autores Jorge Nagle, Otaíza de Oliveira Romanelli, Diana Gonçalves Vidal e Marta Maria Chagas de Carvalho.

Evidentemente, são inúmeros os autores que dão suporte à pesquisa, como Milton Lahuerta, que exprime um arrazoado, no que diz respeito à cultura, sobre os anos de 1920. Regina Zilberman colaborou no sentido de comparar o personagem Vasco Bruno ao *Flâneur*, ou seja, ao caminhante que vaga pelas ruas da *urbe*, de maneira errante. Roselusia Teresa Pereira de Moraes é destaque, também, para a pesquisa, pois sua dissertação de mestrado, com proposta parecida à presente, seleciona, entre os cinco livros do “Ciclo de Clarissa”, quatro deles, excluindo apenas *Caminhos Cruzados*, embora, com linguagem direta ao seu leitor, expresse a docência como o centro das discussões entorno das obras em que Clarissa se faz presente.

Em seguimento à pesquisa, trabalhamos com a primeira das obras do que denominamos ciclo, ou seja, *Clarissa* (1933). Encontrando uma pré-adolescente, que aos quatorze anos sai da pequena cidade de Jacarecanga, do convívio dos pais e do restante da família, para ir viver em Porto Alegre, capital de seu Estado, para realizar o curso normal e, com isto, tornar-se professora. Uma jovem nitidamente elitizada, porém, advinda de um universo rudimentar, visto que de uma cidade pequena, ou vilarejo, e que nos trás à tona as leituras da obra do célebre professor Antônio Cândido, que em seu

livro *Os Parceiros do Rio Bonito*¹, descreve o deslocamento geográfico do “caipira” para os centros urbanos, utilizando-se disso, o exemplo da cidade de Bofete, no interior de São Paulo.

Embora rico, o exemplo contrasta no sentido de que o “caipira” explorado na obra, embora resistente em seus hábitos, não retorna às suas origens. E, geralmente, nos grandes centros, encontra lugar nas periferias urbanas, com ausência de infraestrutura e à margem da sociedade.

Ao contrário disso, em *Música ao Longe*, Clarissa retorna às suas origens. Sendo importante ressaltar que, até então, não a podemos situar às margens da sociedade. Além de, depois de concluso o curso normal, ter-se tornado mão de obra especializada, pertencia a uma família de estancieiros, proprietários de casarões na representativa cidade, e com prestígio social.

Nesta obra, porém, o que ela encontra é uma família em iminente derrocada econômica, política e relativamente social. Relativamente social no sentido de que, pelo o que se percebe, há, ainda, certo respeito a quem um dia pertencera à aristocracia, sobretudo a rural, uma vez que, até os anos de 1970, mais da metade da população brasileira vivia no campo. (MORAIS, 2002).

Reduzidos à posse de um velho casarão, e tendo ainda, em hipoteca, outro casarão, no qual viviam Amâncio e Tia Zezé, os pais e o tio de Clarissa, já em seu retorno, como normalista – que logo encontra uma colocação na escola da cidade –, viviam no antigo casarão do falecido patriarca da família, o senhor Olivério Albuquerque, praticamente à míngua, com dívidas na padaria, com o leiteiro, o verdureiro e, também, na farmácia. Ainda assim, e considerando outros tantos velhos estancieiros como João de Deus, o pai de Clarissa, são eles os portadores das posições de mando da cidade.

Desse modo, Clarissa, a jovem professora de dezesseis anos, pela qual o autor fala, quando ela escreve em seu diário as suas impressões sobre o seu cotidiano e de seus próximos, não poderia, evidentemente, possuir um caráter de crítica contundente. Por isso, quando seu primo Vasco lhe rouba o diário e, depois de lê-lo, devolve-a, afirmando enigmaticamente que ela é “diferente” dos “outros”, ela o repreende pelas ideias de contrariedade com o tom doce e sutil com que ela descreve a

¹ CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, 11ª ed., 335 p.

hipocrisia imoral da sociedade em seu entorno. Na verdade, o primo empreende um intento de mostrar na práxis vivida por eles, o que romanticamente, no sentido triste e angustiante, ela escreve em seu diário.

No mesmo ano em que publica *Música ao Longe* e recebe o prêmio Machado de Assis, juntamente com Dyonélio Machado, autor de *Os Ratos*, Érico Veríssimo publica o intrépido *Caminhos Cruzados*, com tom amargo e crítica contumaz às desigualdades sociais, além do escracho em relação à sociedade burguesa, chegando a ser considerado um livro “Comunista”, às vésperas do Estado Novo de Vargas, como apontarei ao longo do trabalho. O componente humano da obra é o que mais lhe marca. Em menos de uma semana se passou a trama, e nesta semana o autor desenvolveu seu enredo.

Houve, porém, em 1936, certa suavização das inquietudes do autor gaúcho, quando o mesmo publica *Um Lugar ao Sol*. Entre *Música ao Longe* e *Um Lugar ao Sol*, não parece, ao leitor despercebido, e que não observa as datas em que são publicadas as obras, que havia sido escrito *Caminhos Cruzados*. É engraçado constatar que, embora *Caminhos Cruzados* tenha sido, a meu ver, a obra com maior grau de criticidade e mais sedutora ao leitor, é em *Um Lugar ao Sol* que encontramos a “continuidade” de *Música ao Longe*. Motivo, talvez, este, para que Roselusia Teresa Pereira de Moraes o tenha deixado de fora do seu trabalho, visto que não realizou a proposta de um “ciclo” para os romances em sua dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Federal de Pelotas.

Em *Um Lugar ao Sol*, obra por mim explorada em trabalho monográfico, a fluidez é modorrenta, os núcleos de personagens são menores, e a luta por este lugar no mundo, empreendida tanto pelos ricos, próximos ao dinheiro e ao poder e distantes da felicidade, quanto pelos pobres e até os miseráveis, buscando o pão de cada dia, os argumentos para justificar o atraso no aluguel, e a busca por compreender o por quê de tamanho sofrimento.

Na obra, entram novamente, olhares suavizados de Clarissa, já mais madura, e em estado de adaptação com a cidade grande, além de vislumbrar as desigualdades com maior teor de realidade, para além dos sonhos que permanecem em seu imaginário. Aqui, Clarissa conhece, na docência, em nova realidade, maiores discrepâncias entre os alunos, dado que nos ajuda a entender o olhar desta professora do início dos anos 1930.

Findado o encantamento, problematizado ora severamente, ora com suavidade, em 1940, em pleno Estado Novo, Veríssimo publica *Saga*, obra escrita em primeira pessoa, e cujos escritos e percepções são entregues a Vasco Bruno. O mesmo Vasco Bruno de todo o “Ciclo de Clarissa”, e que vai como soldado voluntário ao combate na Guerra Civil Espanhola, desvelando, durante este percurso, e também em sua volta, que “a vida é a mais estranha de todas as sagas”.

Nas considerações finais, busco refletir sobre todos os métodos estabelecidos para a pesquisa, bem como aquilo o que acredito ser a representação da educação brasileira na transição dos anos de 1920 e 1930, algo a ser repetido ao longo do trabalho, e conseqüentemente no entrelaçado emaranhado de acontecimentos que se arrolam nas cinco obras, envolventes por serem povoadas de grande componente humano, história da educação, amores [apesar das desigualdades] e morte.

Desta forma, o trabalho assim foi organizado: a lista de siglas, a de imagens, a introdução, esta que se apresenta, e três capítulos, dos quais, dois possuem subtítulos, quais sejam: o 2 e o 3. Além disso, as referências bibliográficas, entre elas, as utilizadas e as consultadas.

Capítulo I – Os intrépidos anos de 1920 e 1930: algumas considerações.

Instituída a República, dado o entusiasmo com que se encarava as possibilidades de transformação da sociedade pela via da educação e a crença no poder regenerador e civilizador dessa instituição como formas de construir uma nacionalidade, um sentimento comum de pertença que não existia no Império, seria de se esperar que os esforços do novo governo se direcionariam tanto para a difusão do ensino primário entre a população analfabeta como para o aprimoramento do sistema de ensino encarregado de preparar as elites, seja para os cursos superiores, seja para as atividades que demandassem uma formação para além do ensino fundamental. No entanto, não é o que se observa. Antes de tudo, o governo central procurará manter o controle sobre o ensino secundário ao conservar as determinações de acompanhamento do regimento do Ginásio Nacional. (GONÇALVES NETO, 2007, p. 258).

A máxima de que os seres nascem, crescem, se reproduzem e morrem me fez levar a crer, por muito tempo, de que também assim acontecia com o tempo, no sentido literal da palavra. Acreditando que as mudanças de uma década para a outra ocorriam de forma lenta, modorrenta, sutil, deparei-me com o trabalho de Helena Isabel Mueller, e tive uma indelével surpresa. Entendi, então, que, em poucos anos, mudanças radicais podem ocorrer no decurso da história.

Quando estudei os anos de 1920, do século XX, portanto, acreditando encontrar neles os traços que fossem paralelos aos acontecimentos narrados no “ciclo de Clarissa”, foi com leituras e sugestões da banca examinadora, ou banca de qualificação do trabalho, que pude observar tracejos da política varguista e, também, a nitidez com que o rompimento existente entre o pensamento e os projetos da década de 20, alteram-se logo na sua transição com a década de 1930.

É evidente que influências da queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 representaram um marco nas Américas e, quiçá, no mundo, mas não me encontrei na condição de utilizá-la como exemplo mais contundente para justificar as abruptas mudanças de uma década para a outra, no âmbito do trabalho proposto, e sim de buscar nos próprios acontecimentos brasileiros, nacionais e regionais para um estudo das obras a que me propus.

Na leitura cultural de Milton Lahuerta (1997), apesar de os anos de 1920 apresentarem uma “aceleração na história”, com novos atores políticos, o surgimento da

Era Vargas, que se avizinhava, tais anos não podem ser considerados uma preparação para os anos 30. É nele que encontramos a crise como temática (LAHUERTA, 1997). Tal crise, às vistas de Helena Isabel Mueller, seria a da grande preocupação nacional de que houvesse uma equalização brasileira, já que o externo, o que vem de fora, as “outras” culturas, com destaque para as europeias, enriqueciam o Brasil, e tudo poderia cair por terra na medida em que surge um sentimento nacional e, mais que um sentimento, um projeto de nação (MUELLER, 1997).

Apesar disso, Lahuerta aponta para uma década cujo final é carregado de paradoxos e, agora sim, prenhe de grandes mudanças, as quais se avizinhavam enfrentando dificuldades para construir um projeto nacional. O autor aponta para o fato, por exemplo, da ausência de uma definição de modernização para os anos de 1920, apesar de já assinalar a explosão de intelectuais como Mário de Andrade, que problematiza os conceitos de artista e intelectual, já vislumbrando o impulso dos ideais modernistas, como assinala no seguinte trecho:

[...] para os intelectuais, a década de 1920 será de questionamentos inéditos, até então, e que permanecem em pauta pelas próximas décadas. Não apenas concepções tradicionais são atacadas, mas também as instituições republicanas – identificadas com uma legalidade que não tem correspondência no real –, elevando o *pathos* de ruptura, trazendo à tona novos atores e a problemática dos direitos e da participação. (LAHUERTA, 1997, p. 93).

Sendo *Clarissa* (1933), a primeira obra do ciclo de obras a que me propus tratar, observei, na Pensão de tia Zina, o que Lahuerta aponta como o povo observado tal qual objeto exótico, bem como a distância entre o erudito e o popular (LAHUERTA, 1997). Ora, Érico Veríssimo não poderia ter sintetizado o paradoxo entre os anos de 20 e 30, do século XX, de melhor forma, senão desenvolvendo a sua personagem, ainda com olhar aristocrático, dentro de uma pensão onde há um conde inglês, pianistas, soldados, prostitutas, um major aposentado e miserável, bem como personagens mais apagados, simbolizados pela classe operária emergente, no entanto sem visibilidade, e uma normalista, sobrinha da dona da pensão, com quatorze anos, filha de ricos estancieiros de Jacarecanga – a cidade imaginária em que nasce e vive Clarissa.

Juntam-se, a isso, a polarização ideológica, visto que vários tipos se misturam, necessitando sentar juntos às mesas para as refeições, fazer uso do mesmo banheiro, às vezes em filas, enfrentar discussões sobre perspectivas de vida – raramente

políticas – e sim sobre a postura de vida de cada um, dentro do mesmo espaço. O incômodo da cantarola inglesa de um, com a vulgar modinha expressa por outra; o perfume gritante de alguns, em contraste com as suaves colônias de outros, demonstram a chegada de novos tempos, evidenciando, por outro lado, a resistência em serem todos taxados pela alcunha de iguais, pelo fato de serem, agora, brasileiros, sob o julgo de uma bandeira, de um hino nacional e o hino do Rio Grande do Sul.

Aliás, é o hino brasileiro que, com entusiasmo, Clarissa proclama na escola, enquanto aluna, na Capital, na Metrópole de Porto Alegre, e depois, o do Rio Grande do Sul, em Jacarecanga, como professora, o sinal mais claro da resistência da aristocracia interiorana em aderir ao projeto de nação, apontado por Milton Lahuerta, Helena Isabel Mueller e, também, por Marta Maria Chagas de Carvalho. Afirma, portanto, a este respeito, Jorge Nagle:

[...] parece mais fácil identificar as mudanças e perspectivas de mudanças no setor especificamente social por meio da variedade de novas orientações ideológicas, presente, especialmente, no decênio dos vinte (nacionalismo, catolicismo, tenentismo e outras), uma vez que denotam a presença de marcante inquietação social e heterogeneidade sociocultural. (NAGLE, 2001, p. 36).

Para Marta Carvalho, o entusiasmo pela educação se contrapõe ao gosto pela República, gerando a desilusão pela última. E, assim como também propõe Lahuerta, os intelectuais dos anos de 1920 começam a acreditar que possuem um papel diferenciado no processo social, e ganharão força no intento com a política do projeto nacional, nascido nos anos de 1930, onde se tornam os “heróis civilizadores”.

Quando retorna para Jacarecanga, aos dezesseis anos, Clarissa assume uma colocação como professora. Sua família, vitimada pela crise na pecuária, e pelo descontrole nos gastos, encontra-se em ruína. Se antes estavam nos postos de comando (LAUERTA, 1997), e, ainda assim o nome garante a vaga para Clarissa Albuquerque, já viam, e com maus olhos, a possibilidade de transformações de baixo para cima. Afinal, os “Gamba”, italianos pobres que chegaram ao Brasil na miséria, e um dia precisaram tomar de empréstimo certa quantia com o velho Olivério Albuquerque, pai de João de Deus e avô de Clarissa, em virtude de uma crise financeira na padaria que haviam aberto, hoje têm em mãos a hipoteca dos dois casarões que restam aos Albuquerque.

Observei, portanto, que, se Clarissa nasce em 1918 (ML, 1977, p. 21), com dezesseis anos ela tornou-se professora em 1934, e *Música ao Longe* fora lançado em

1935. As questões abordadas na obra e, portanto, por Veríssimo, acompanham os acontecimentos daquela época. São as percepções atualizadas do autor que dão vida à obra.

Assim, se o Estado promove a construção de um projeto de Nação, apesar da face repressiva do Estado Novo, que viria a se consumir a partir de 1937, observamos as concessões às massas, em busca do aprimoramento da nação pretendida, posto que há certo acolhimento aos intelectuais, os quais iriam colocar ordem na cultura, na economia, nos direitos, na modernidade e, portanto, organizar a sociedade.

É na sala de aula de Clarissa que observamos as massas adquirindo o acesso à educação:

Ontem no colégio fiquei com muita pena do Moisés, que é o aluno menor da classe. Ele estava batendo dentes de tanto frio que sentia. Vai com tão pouca roupa! Dizem que é filho de gente muito pobre. Tenho vontade de ficar comunista quando vejo coisas destas. Mas quando leio que na Rússia vivem fuzilando gente, fico arrependida e desisto do meu comunismo. No fim de contas eu nem sei a quantas ando. Só sei que o mundo está errado. Melhor é eu continuar a ser simplesmente Clarissa e a ter pena dos meninos pobres como o Moisés. (ML, 1977, 121).

Para Lahuerta, os intelectuais ganham o sentido de missionários, o que observamos no trecho acima, e também ao longo da obra. Além disso, se penso Clarissa como uma intelectual, já que leitora (MORAIS, 2010), com os estudos realizados na Capital do Estado, percebo que o crescimento dos intelectuais leva-nos a canalizar suas potencialidades para o pedagógico. Educação seria o sinônimo de modernização.

Jorge Nagle, por outro lado, observa a difusão da instrução como chave para os problemas sociais, econômicos, políticos e outros, ainda (NAGLE, 2001). De repente, o que o autor compreende por problema seriam as dificuldades surgidas pelas necessidades de um novo percurso nacional, e é nisto o que acredito.

Neste caso, os “problemas” seriam a representação da forma com que os tradicionalistas, os aristocratas, e aqueles que ocupam posição de mando devido ao poder econômico, enxergavam o rompimento de antigas práticas e pensamentos e o surgimento de novas ideias, o que, para eles, iria inquietar a sociedade ora imposta, já tão “alinhada”, a qual não necessita de novas questões sociais, políticas e econômicas, mas da permanência, sobejamente desejada pelo coronel Campolargo, de *Um Lugar ao Sol*, e os Albuquerque, de *Clarissa e Música ao Longe*, além das memórias de João de Deus Albuquerque, que protagoniza o início de *Um Lugar ao Sol* com o seu próprio

velório, vitimado pela truculência advinda da política local, e outrora desejoso da manutenção da antiga “ordem estabelecida”.

Procurando compreender, para além dos pensadores da educação do período ora recortado, aquele que antecede e acompanha as obras, conceitos que colaboram com a empreitada de encontrar caminhos com o intuito de relacionar ficção e realidade, no caso a literatura e a história, encontrei no conceito de Representação, proposto por Roger Chartier, embora, mais adiante, também mostre, por meio de estudiosos de Érico Veríssimo, que evidenciam a busca deste por, de fato, representar a realidade, utilizando-se de suas múltiplas personagens (CHAVES, 1972), embora fique evidente, que há uma forte carga de seus “momentos emocionais”, inculcados em cada obra, em cada parágrafo, em cada personagem e, finalmente, em cada representação que tenha proposto.

Vejamos, portanto, o que Franciele Machado propõe sobre a obra de Chartier:

Na obra de Roger Chartier a noção de representação permite pensar seu uso em pesquisas que fazem referência ao Antigo Regime, mas que ao mesmo tempo é apresentada como proposta de abordagem para uma história cultural do social, possível de ser aplicada a diferentes temporalidades. [...] Chartier não propõe definições muito claras do uso na disciplina história dessa noção tomada de empréstimo da sociologia. A mesma consideração certamente é feita às apropriações das representações via Chartier no Brasil. A ausência de tais definições poderá ser justificada pelo fato de tratar-se de um historiador da cultura escrita e não de um teórico da história [...]. (MACHADO, 2014, p. 9).

E prossegue:

O autor indica novos parâmetros para a disciplina [...]. A consequência imediata disso pode ser medida em conclusões [em que] ² Chartier apenas propõe uma inversão no modo de escrever a história: uma troca da “tirania do social” pela “tirania do cultural” (MACHADO, 2014, pp. 9 – 10).

O que propus até aqui foi evidenciar, embora às vezes de maneira passível de confusão entre os anos tratados, rupturas e permanências entre uns e outros, o que é evidente, pois as mudanças não são circunscritas pela mudança de um ano para outro, e nem mesmo de uma década para outra.

² Grifo meu.

Além disso, embora as mudanças propostas pelo governo, e as fortes tentativas de construção de um projeto efetivo de nação, aos moldes da política de Vargas, é preciso reconhecer que os rincões brasileiros possuem especificidades. Quando os autores, aqui reunidos, tratam das grandes questões nacionais, possuem certa localização, geralmente lançando um olhar geral sobre o que fora proposto, e não, de fato, o que vivenciaram os diversos “cantos” do país.

Desse modo, me atendo às obras de Érico Veríssimo, acerca da história da educação, com olhares voltados para a personagem Clarissa, percebo que o autor lançou suas propostas para um geral, mesmo tendo-se utilizado para este intento, o exemplo de uma jovem professora, de um espaço geográfico específico. É por meio do rico componente humano, expresso por alunos, moradores da pensão, vizinhos e amigos das personagens, que ele estabelece um parâmetro de Brasil. Grosso modo, embora com espaço marcadamente regionalista, “o mundo das personagens”, como estabelece Flávio Loureiro Chaves (1972), me parece querer compreender um todo, no qual o país esteja representado.

Nesse caso, alguns são acometidos pelas mudanças que vêm dos postos de comando, e outros se encontram alheios a elas. Clarissa encontra-se no centro de tudo, ora passando a infância no que poderia ser considerado o início da modernidade, ora voltando para um ambiente rudimentar e distante das notícias vindas da Capital, porém intelectualizada, formada professora, e que depois volta para Porto Alegre, experimentando uma realidade já transformada, visto que com uma visão mais amadurecida, bem diferente daquela vivenciada enquanto estudante do curso normal. Depois, ao fim de todo o “ciclo”, encontra-se morando em um sítio, grávida, ao lado de Vasco Bruno.

Capítulo II – O Ciclo de Clarissa: da década de 1920, ao fim da década de 1930 do século XX.

Apesar de os primeiros grupos escolares terem sido construídos, em São Paulo, na última década do século XIX, ainda nos anos 1920 e 1930, a construção de tais espaços era reclamada em boa parte das capitais das demais unidades da Federação. (VIDAL & FARIA FILHO, 2005, p. 59).

Ao receber orientações, por parte do professor que assumiu, junto a mim, dar continuidade ao conjunto de ideias que compõem esta pesquisa, e também da banca que a qualificou, percebi que os traços empregados ao comportamento das personagens das obras em análise, bem como a maturidade do autor das mesmas, não possuíam uma relação tão forte, como outrora eu havia suposto, às propostas e aos acontecimentos atinentes à educação da década de 1920.

Em *Clarissa*, observamos uma radicalização do estudo psicológico das personagens criadas por Érico, dado assumido pelo autor, e característica presente em todas as suas obras, com exceção [e aqui realizo um julgamento arriscado] das análises descritivas das personagens que possuem um raso arcabouço de singularidades, e que pouco se desviam da denominada normalidade – recorrente em *Música ao Longe*, sobretudo com Dona Clemência, exemplificado no seguinte trecho:

Depois D. Clemência, sempre sacudindo a cabeça, diz para a filha:
- O teu pai anda impossível desde que perdeu a estância. – Pára alguns segundos para palitar os dentes. Depois continua. – Também o coitado estava habituado com aquela vida. Dá para uma pessoa ficar maluca. Credo! (ML, 1977, p. 34).

E, mais claramente, neste:

D. Clemência sorri. Podia abraçar a filha, podia beijá-la. Mas não gosta, não é de seu feitio. O seu amor não se traduz em carícias dessa espécie. Ele se transforma todo em solicitude. Solicitude silenciosa, quase imperceptível. Fazer vestidos para a filha, dar-lhe um copo de leite todas as noites, arrumar-lhe as cobertas da cama nas noites de inverno, cuidar-lhe da saúde, dar-lhe conselhos. Mas beijos, abraços... pra quê? (ML, 1977, p. 34).

Percebi o esforço do autor em analisar intrinsecamente cada personagem e, embora ele o faça isso com maestria, algumas das personagens são superficiais, tendo pouco o que ser explorado, como no exemplo. Dona Clemência é sempre a esposa seca, a tia fria, a irmã de poucas palavras, e a mãe que não acolhe, apenas atende as solicitações impostas pela própria condição de mãe, limitada, porém, de sentimentalismos, os quais nos são apresentados como raros.

Ao contrário, por exemplo, de Fernanda, Noel, Vasco e, sobretudo, Clarissa. Esses possuem personalidades abstratas, densas, e para além do senso comum, possibilitando, portanto, e, por própria opção do autor, maiores condições de serem exploradas. No momento em que iniciei essa abordagem, que propõe um paralelo entre a personagem criada por Veríssimo e o tempo da escrita da narrativa, mencionei a obra *Clarissa* (1933), a segunda escrita por Érico, tendo sido a primeira denominada *Fantoches* (1932), escrevi sobre o comportamento das personagens que povoam o texto.

Volto, então, a este ponto específico, tentando expor a tentativa de o autor criar tipos humanos. A pensão de tia Zina, em Porto Alegre, é povoada de tipos, os quais, acredito, representam determinado contexto, e não poderia ser outro senão o da transição de duas épocas, quais sejam, aquelas suscitadas pelas mudanças ocorridas no transcorrer dos anos 1920 e 1930. A convivência na pensão me parece gerar uma situação na qual

[...] na medida em que se transforma, pelo desafio que aceita e que lhe vem do meio para o qual volta a sua ação, o homem se educa. E, na medida em que comunica os resultados de sua experiência, ele ajuda os outros homens a se educarem, tornando-se solidário com eles. (ROMANELLI, 2010, p. 23).

O que procurarei, nesta etapa de análise, é compreender se Clarissa, a professora da escola de Jacarecanga, e vítima da derrocada da aristocracia, ocorrida ao final da Primeira República, pode ser considerada como a representante do professorado de tal contexto, no âmbito da mencionada época, com suas devidas especificidades, em confrontação com as pesquisas em história da educação que compreendem o mesmo período.

A dificuldade que se impõe, e que logo percebi, é que, mesmo entendendo Clarissa como um tipo de professora representante desse processo de transição entre os anos de 1920 e 1930, ela faz parte de determinado grupo específico, não permitindo que eu mantenha pretensões de propor que seja um paradigma social e genérico.

Compreendi, portanto, que ela se encontra inserida em uma classe econômica específica, ambiente geográfico particularizado, dentro de um amplo sistema de signos linguísticos, possibilitados pela liberdade literária do autor que a modela, em escola interiorana e fictícia.

Em *Música ao Longe*, Clarissa não pode ser considerada uma personagem deslocada da elite. Além de ser uma leitora assídua, assinalando para a raridade dos intelectuais do período, e díspar quanto ao número de analfabetos brasileiros, possui uma colocação, situada como mão de obra especializada, não é desprovida de moradia de propriedade da família, alcança, com seu ordenado, alguns de seus sonhos de consumo, como roupas, casacos, sapatos e a bela decoração de seu quarto.

Para, além disso, independentemente da crise econômica mundial, com destaque à queda da Bolsa de Valores dos Estados Unidos da América, a qual fez o mundo titubear, e até mesmo a crise de sua família, com a falência iminente, Clarissa possui independência financeira, chegando a socorrer as contas domésticas do casarão dos Albuquerque. Afinal, como analisa Flávio Loureiro Chaves, em consideração às obras de Veríssimo:

É nas mulheres, sempre moralmente mais fortes do que os seus homens, que se estabelece o sustentáculo do mundo que ameaça desabar. Os homens são personagens do presente, [...] as mulheres são força de preservação, cabe a elas assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro. (CHAVES, 1972, p. 77).

Apesar das frequentes leituras de *Música ao Longe*, não encontrei detalhes evidentes sobre as características arquitetônicas da escola em que trabalha Clarissa, dados que poderiam corroborar com uma construção argumentativa sobre a padronização dos prédios, a militarização e a aplicação do ensino de exercícios físicos nas escolas, propostas que se desenvolveram durante o chamado Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas. Adiante, porém, dissertarei sobre o que Veríssimo denominou como “bloco de concreto”, aludindo à percepção de Clarissa em relação à sua escola, procurando explorar o máximo do que for possível a respeito dos prédios escolares em que se ambienta a personagem principal.

Há, porém, um dado importante a ressaltar. Se também era importante para a ideologia empreendida, ou mesmo imposta, pelo Estado Novo, que se avizinhava, criar uma ideia de Nação para o Brasil, fortalecendo elementos que enaltescessem o

mesmo, e com a fundamental colaboração da propaganda, amplamente difundida no período, há resistência no aspecto pedagógico na escola em que Clarissa atua, chefiada pela sisuda Dona Ermelinda. Na mencionada proposta de Nação, os regionalismos e a cultura popular ligada a eles, bem como a comum tendência de evidenciar os feitos heroicos, pessoais e históricos de guerras ou conquistas de regiões, fatores que poderiam desvincular olhares para a Nação em ascensão, para feitos “menores”, contrariando o projeto que se iniciava.

É o hábito constante de, junto às “classes”, as professoras, e também Clarissa, proclamarem o hino do Rio Grande do Sul, o modo de resistência sobejamente explorado em *Música ao Longe*. O civismo, porém, é criticado por Vasco Bruno, tanto no mencionado livro, quanto em *Um Lugar ao Sol*, sendo neste, com linguajar e argumentação mais apurados. Para ele, o civismo, tanto regionalista quanto nacionalista, não passa de uma bobagem, uma idolatria sem sentido e justificativa, num país cujas desigualdades são evidentes e estão à beira da porta da grande massa populacional, senão dentro de suas casas. Ocorre, porém, que

as instituições educativas nascidas da necessidade de as gerações mais velhas transmitirem às mais novas os resultados de sua experiência e, também, com o objetivo de preservar e recriar esses produtos, sofrem todavia, na cultura transplantada, uma minimização de suas funções. E que o que se tem em vista, na cultura transplantada, é a imposição e a preservação de modelos culturais importados, sendo, pois, diminuta a possibilidade de criação e inovações culturais. (ROMANELLI, 2010, p. 23).

Observei, por outro lado, que existem três momentos distintos em que eu possa estabelecer a posição de Clarissa como professora, e aí sim, a personagem fica nitidamente defronte à possibilidade de que eu encontre uma maneira de contrapô-la com o “ser professora” nos anos de 1930.

Até aqui, observamos a formação acadêmica de Clarissa: o curso normal, realizado em Porto Alegre, em um tempo no qual, aos quatorze anos, ainda é uma jovem moça, ou uma criança, como podemos observar no trecho do livro *Clarissa*, de 1933:

Sente ímpetos de dançar, correr, cantar, pegar no rabo dos cachorros, jogar pedras nos vidros das vitrinas, botar a língua para a mulher gorducha que está escarrapachada numa cadeira ali na frente do mercadinho de frutas [...].
– Juizinho, minha filha. Olhe que estás ficando uma moça [...].
A recomendação da tia não lhe sai nunca da memória. É preciso ter compostura: andar a passo normal, não rir alto, não saltar [...] Caminhar como o seu Amaro: descansadamente, braços caídos, cara séria, sem olhar

para os lados nem para cima[...] Andar como um boneco de mola. Ora bolas! Ora bolas! Ora bolas! (CL, 1981, p. 11).

Não posso considerar, portanto, que a nossa personagem represente uma normalista, e sim uma estudante iniciada no curso normal, embora ela seja uma questionadora entusiasmada das imposições sociais, e não somente aquelas que lhe afligem ou atormentam:

O primeiro governador-geral do Brasil foi Tomé de Souza. Mas se tivesse sido o Major Nico Pombo, por acaso o sol deixaria de brilhar como agora? Existe um cabo que se chama Finisterra. Mas se não existisse, os jacarandás não estariam floridos do mesmo jeito? (CL, 1981, p. 13).

Clarissa, neste momento, demonstra o fato de ainda ser uma estudante, cujas opiniões misturam questões essenciais, e questões imaturas, que, embora façam sentido, não respondem às aspirações do pensamento político do universo adulto. Por esta razão, seria imprudente colocar este viés juvenil da linha de pensamento da futura professora como uma de suas variadas experiências docentes vivenciadas em curto prazo de tempo.

Em *Música ao Longe*, porém, temos Clarissa como professora. Iniciada na carreira aos dezesseis anos, ela dialoga com o primo sobre como fica encantada quando os seus alunos proclamam o Hino Nacional, ao que se opõe Vasco. Apesar disso, ela repreende-o por questionar a “ordem”, ao passo que também se inquieta, intrinsecamente, com tais práticas. E, mesmo pensando sobre o assunto como o primo, e concordando em partes com ele, não desobedece, e, portanto, não deixa de implantar as preleções cívicas no cotidiano escolar, tão propaladas em *Música ao Longe*. Nada podia fazer, no entanto, como se observa no trecho:

D. Ermelinda, a diretora do Elementar continua implicante. Hoje ela me disse com sua voz seca: “Clarissa, precisas fazer umas preleções cívicas aos teus alunos.” Ora, preleções cívicas! Os coitadinhos não entendem nada desses assuntos de pátria, de bandeira, de civismo. O que eles querem é brincar. Não deviam meter nas cabecinhas deles essas histórias de guerras. Porque eles vão aprendendo que matar e ser valente é muito bonito e muito bom. Quando ficarem grandes acabam degoladores como muitos que conheço aqui na minha terra. (Contam, eu não vi). (ML, 1977, p. 97).

No trecho ora demarcado, observei o amadurecimento da outrora estudante e agora normalista. Percebendo, entretanto, que ela ainda é refém da ordem, do sistema no qual fora inserida, e com traços de juventude na forma em que o autor descreve a sua linha de pensamento. A jovem professora representa, assim, a resistência muda, porém não sem ação. Pois, para os que a julgam submissa e sem atitude, não teria sido

necessário que D. Ermelinda a repreendesse por ser falha em efetuar as propaladas “preleções cívicas”.

É necessário, então, que eu mencione Jorge Nagle, estudioso da Educação na Primeira República, que, a este aspecto, apresenta os indícios de um projeto de organização da identidade nacional, o qual faz com que se criem

[...] objetivos menos gerais, tais como os seguintes: manter a ideia de coesão e integridade nacional; defender o trabalho nacional; difundir a instrução militar nas diversas instituições; desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, [...] avivar o estudo da história do Brasil e das tradições brasileiras. (NAGLE, 2001, p. 66).

Desse modo, chego a um ponto interessante: parece-me que a Clarissa de *Música ao Longe*, aproxima-se do pensamento dos anos de 1920, enquanto a Clarissa que se apresentará em *Caminhos Cruzados* e *Um Lugar ao Sol*, de volta à capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ressurge como uma confluência entre os anos 20 e 30. Trás consigo as marcas da tradição, mas pode, então, enfrentar certos obstáculos pedagógicos ao chegar à metrópole da época, encontrando resquícios do passado docente, mas aspirando ares de modernidade, apesar da crise, de espaços mais livres e menos sisudos, menos regionalistas e, assim, mais associados aos anos que percorrem a década de 1930.

Nesse aspecto, para Carvalho,

esperava-se superar o Jeca Tatu no trabalhador produtivo, tarefa da educação, concebida deterministicamente, como alteração do meio ambiente. Tratava-se de introduzir, mediado pela ação de *elites esclarecidas* pela campanha educacional, um novo tipo de fato determinante no que era pensado como processo necessário de *constituição* do *povo* brasileiro: a educação. (CARVALHO, 1997, p. 121).

Junte-se à menção, o que sugere Jorge Nagle: “a análise da estratificação social no Brasil republicano deve iniciar-se com a indicação das transformações econômicas operadas no sul do país [...]” (NAGLE, 2001, p 42).

E continua,

[...] a alteração no padrão de estratificação pode ser verificada pelos resultados na esfera da educação escolar, principalmente na década de 1920; o entusiasmo pela educação e as frequentes reformas deixam entrever o objetivo de democratizar a cultura, pela ampliação dos quadros escolares. (NAGLE, 2001, p. 45).

Volto, então, às considerações que finalizam o primeiro capítulo. Se o Brasil moderno é predominante no Sul do país, como referido acima, será claro compreender o que destoa o ambiente vivido por Clarissa, com o restante do país, e aí esteja, talvez, a necessidade de Érico ter inserido tantas personagens de outras regiões ao longo do ciclo de Clarissa, chegando ao ponto de, em *Saga*, enviar Vasco Bruno para o seio da guerra civil espanhola.

O que por mim representa complexidade, neste aspecto, é a relação entre o que se entende por ficção e realidade, pois as ideias se confundem entre elas, estabelecendo um paralelo cujos pressupostos se firmam nas proposições de Chartier, sobre as representações. Para Lahuerta, não podemos afirmar ser a década de 1920, a prenhez para a década de 1930, embora estejam na primeira, as intenções que se concretizam na segunda, guardadas as pertinentes proporções.

Volto, então, à obra literária.

Com a morte do patriarca da família Albuquerque, João de Deus Albuquerque, a transferência de Clarissa para o grupo escolar de Santa Clara – o que faz com que o seu trajeto entre Jacarecanga e a escola para a qual fora transferida fosse quase impossível –, vitimada pela perseguição às ideias políticas do pai, e tendo a mesma família perdido o velho casarão para os Gamba – imigrantes italianos que iniciam seus negócios com uma pequena padaria, e abraçam toda a fortuna dos Albuquerque por meio de hipotecas vencidas – Vasco Bruno convence a prima e a tia a mudarem-se para a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Em consonância com o que afirma Jorge Nagle, as migrações mudaram as concepções de trabalho e, por outro lado, a própria necessidade de trabalhar gerou migrações. Entendo migração, aqui, em contraponto com Nagle, como êxodo rural, embora Clarissa não seja, de fato, uma campesina, é uma interiorana, criada por antigos habitantes do espaço rural. Imigrantes, no “Ciclo de Clarissa”, seriam personagens de obras que serão exploradas adiante, como o Conde e Anneliese, além do próprio pai de Vasco Bruno, o italiano Álvaro.

Vendo-se Clarissa, Vasco e Dona Clemência sem novas oportunidades na imaginária cidade de Jacarecanga, Porto Alegre tornou-se uma possibilidade de melhoria de vida. De forma relativa, todos eles se entusiasmaram com a ideia. E, com a partida, foram acolhidos, os três, pela irmã de Dona Clemência, na pensão da mesma.

Em *Um Lugar ao Sol* é que notamos as primeiras dificuldades encontradas pela família Albuquerque. Vasco deslumbra-se pelas novidades da metrópole, e das gentes que conhece ao longo de seus dias em busca de emprego ou de diversões costumeiras aos rapazes de sua idade. Clarissa trava, como o apoio da tia e da mãe, uma imensa luta para encontrar uma colocação em algum grupo escolar. E sua dificuldade pode ser explicada pelo o que propõe Romanelli (2010.), que afirma: “[...] em quase todo o curso da história brasileira, as bases políticas assentaram-se mais no poder real dos donos da terra, nos interesses do latifúndio e numa minoria aristocrática agrária”. (ROMANELLI, 2010, p. 31).

Já D. Clemência, sofre pelas lembranças do passado, envergonha-se por morar de favor na pensão da irmã, deixa-se sofrer por não alimentar esperanças quanto ao sucesso de Clarissa em conseguir trabalho, e deixa mal escondida a sua revolta pela “vadiagem”, pressuposta por ela, de Vasco.

Tendo em mãos uma carta de recomendação de um aliado político do falecido pai, o Doutor Penaforte, Clarissa, a mãe e a tia procuram ajuda com parentes que poderiam colaborar com a conquista de uma colocação. Porém, não obtém sucesso com isto. É, então, com a orientação das pessoas próximas, tia Zina, tio Couto, e moradores da pensão, que Clarissa e a mãe decidem procurar os órgãos públicos para tentarem a sorte.

Esta passagem fica clara quando lemos: “na sala de espera da Secretaria de Educação e Saúde Pública D. Clemência e Clarissa esperavam a sua vez. Havia ali mais três pessoas” (LS, 1982, p. 153). Dentre as quais “uma moça de grandes olhos brilhantes, fisionomia serena e com algo de esquisito no corpo, algo que (Clarissa viu logo) destoava da beleza harmoniosa do rosto” (LS, 1982, p. 153). Enquanto aguardavam, “a moça morena lia um livro. Clarissa esforçou-se por ver o título, furtivamente. Houve um momento em que a desconhecida levantou a cabeça, descansou o livro nas coxas e então os olhos de ambas se encontraram” (LS, 1982, pp. 153 – 154).

A moça à qual o autor se refere é Fernanda. Era professora, estava grávida e lutava por uma licença maternidade. Depois de, cada uma em sua vez, serem atendidas, tanto Fernanda quanto Clarissa teriam de voltar na Segunda-Feira para obterem a resposta do Secretário, a primeira sobre a licença, a segunda, sobre a possibilidade de uma colocação como professora em algum grupo escolar da cidade.

Quando se encontraram na Segunda-feira, começaram uma amizade que se estende até a obra *Saga*, um verdadeiro libelo humanista que inclui a Guerra Civil Espanhola e as dificuldades sociais daquele tempo, e tendo perpassado por *Caminhos Cruzados*. Até mesmo a firme D. Clemência cedeu à simpatia de Fernanda, moça humilde, filha de D. Eudóxia, uma senhora carrancuda e de mal com a vida, casada com Noel, filho único de pais ricos e que abriu mão de tudo para viver ao lado de Fernanda, e irmã do irresponsável Pedrinho. A referida mudança de D. Clemência, pode ser explicada pela seguinte reflexão: “em comum, há uma demanda genérica de unificação cultural, um espírito de renovação e atualização que pretende ir além da dimensão estritamente literária e uma preocupação difusa de superar a distância entre o erudito e o popular”. (LAHUERTA, 1997, p. 97).

Fernanda era, afinal, a força geratriz da casa, com perseverança, esperança, força de vontade e total entrega ao próximo, com empatia e sensibilidade. Em um dos prefácios das versões comemorativas das obras de Veríssimo, mais especificamente em *Um Lugar ao Sol*, o mesmo declarou: “Parece que o autor falava pela boca de Fernanda” (LS, 1982, p. s/nº). Tal dado se evidencia quando, em uma análise apurada, apesar da simpatia por Clarissa, Érico Veríssimo a coloca no lugar institucional, na revolucionária muda, defensora de uma legalidade que ela mesmo desacredita, ao passo que Fernanda é a agente social que simboliza em frases curtas, em conselhos e afagos a realidade do mundo, a clareza das injustiças e a hipocrisia da sociedade hostil e desigual da qual compartilham.

Em contrapartida, Fernanda possui a capacidade de transformar-se em mãe do marido, vivendo o mesmo preso às lembranças da vida rica e da cultura apurada em que fora criado, mãe e cúmplice do irmão, quando num pulo de gato resolve os problemas financeiros, empregatícios e amorosos do mesmo, e o impulso de esperança da mãe, que vive a lamentar-se pelos cantos, resmungando a sua indignação com o genro, com os vizinhos, com a vida miserável e com a sua condição, enfim.

Ambas, Clarissa e Fernanda conseguiram o intento perante a Secretaria de Educação e Saúde. A primeira conquistou uma colocação em um bairro afastado de nome Canoas, no qual, para chegar, teria de acordar cedo para tomar o bonde que a levaria à Escola. Fernanda conseguiu a licença, sem, porém, ter expectativas financeiras para acertar o parto. No entanto, dizia sempre: “dá-se um jeito”.

Incomodados com o fato de estarem instalados por muito tempo na pensão de D. Zina, Clarissa, a mãe e o primo, começaram a planejar, com as últimas economias, em mudar para uma casa de aluguel. Tendo relatado o fato para Fernanda, esta última providenciou de imediato a solução. Afinal, ela, o marido, a mãe e o irmão alugavam uma casa que, na verdade, era um sobrado aonde se alugavam duas residências: a de cima e a de baixo. A família de Fernanda morava na casa de baixo, e a parte de cima estava desocupada. Os Albuquerque, apesar da insistência de D. Zina de que eles não a incomodavam na pensão, acabaram por alugar a humilde casinha, passando, as duas professoras, a serem vizinhas próximas.

Não tardou para que toda a vizinhança da vila passasse a saber dos dilemas e misérias uns dos outros. Fernanda, apesar da gravidez avançada, era solicitada para todas as questões mais graves – ou nem tão graves – dos vizinhos. Clarissa ganhou o respeito dos mais próximos. Nas palavras do autor, Vasco assim se manifestou em determinada passagem sobre Fernanda: “Era admirável. Cuidava da casa, carregava um filho no ventre e os outros filhos mais velhos nas costas. Tinha tempo para ler e discutir livros. Menina de fibra!” (LS, 1982, p. 247).

Enquanto isso, D. Clemência, juntamente com D. Eudóxia e D. Magnólia – cuja a filha, Luciana, era uma moça rebelde, sem simpatia pelo pai, que vivia em uma poltrona à espera da morte pelo câncer, e a mãe passava o dia a pedalar à máquina de costuras – formaram um trio para lamuriarem as próprias “sortes”. Disputavam, de maneira serena e chorosa, qual delas sofria mais.

Outra personagem, acometida pela profissão que considerava ingloria, é o Professor Clarimundo, que aparece em *Um Lugar ao Sol*. Embora seja na obra *Caminhos Cruzados*, – livro cuja trama se dá em menos de uma semana apenas – que tem a sua vida cotidiana descrita com mais pormenores, tornando-se um personagem caricato, cheio de cacoetes e que lembra muito o senhor Leocádio Santarém, de *Música ao longe*.

Ele exercia a profissão de professor particular, com ideias ilusórias, e um sonho incontido de escrever um livro sobre astrologia. As dificuldades financeiras lhe são recorrentes, embora a vida simplória e solitária não permita que fossem expostas as suas lamentações, e sim um cansaço e um desgaste mental nitidamente relacionado aos

anos de profissão. Sobre a vida miserável do professor, assim é descrita parte de seu cotidiano, por Érico Veríssimo:

[...] Debaixo desse telhado fica o quarto do Prof. Clarimundo. A umidade desenha figuras indecifráveis nas paredes caiadas. Em cima da mesa de pinho — de mistura com os restos da merenda da noite — vê-se um papel cheio dos rabiscos com que o professor tentou inutilmente meter na cabeça do sapateiro Fiorello noções da Relatividade de Einstein. [...] Um rato mete a cabeça para fora dum buraco do rodapé. Espia, fica parado por alguns segundos e depois deita a correr, sobe pela perna da cadeira, chega ao assento de palhinha, detém-se um segundo e em seguida continua a subir pela guarda, salta para cima da mesa e avança sobre os restos da merenda. Queijo e pão. O seu rabinho fino se confunde com os riscos do papel. (CC, 1982, p.2).

De maneira geral, observei, sobre o ciclo de Clarissa, alguns aspectos notoriamente trabalhados pelo autor: a educação, a saúde e a desigualdade social. Em *Clarissa*, observamos as tipificações sociais entre os moradores da pensão de tia Zina e a Educação formal recebida pela personagem principal. Em *Música ao Longe*, a derrocada da aristocracia rural e o enriquecimento de comerciantes advindos da imigração são misturados com a realidade educacional daquele período que, pelos cálculos de datas presentes na obra circundam entre os anos de 1910 e 1932. Tratava-se de uma educação ainda rudimentar e, no entanto, já com a presença da classe menos favorecida, o que é evidente na sala de aula de Clarissa, e que condiz com as políticas do período (CARVALHO, 1997).

No que diz respeito a *Um Lugar ao Sol*, observei os conflitos políticos influenciando a vida de todas as classes e com resoluções muitas vezes catastróficas e violentas. Enquanto isto, a saúde é colocada como uma questão tratada por médicos exercitores do sacerdócio, uma vez que a saúde pública não é observada, e o caricato Dr. Seixas, que permeia por várias obras de Érico Veríssimo, inclusive *Olhai os Lírios do Campo* – que, para alguns autores, juntamente com o ciclo de Clarissa formam o “Ciclo de Porto Alegre”, trata seus pacientes com atenção e respeito, embora seja sarcástico e amargurado, revoltado com o mundo, enfim.

E a educação, por sua vez, tanto em *Um Lugar ao Sol* quanto em *Caminhos Cruzados*, demonstram uma realidade predominantemente feminina, sem estabilidade, e muitas vezes vítima da influência política, econômica e das movimentações da elite local, retalhos da velha aristocracia da Primeira República, cujos caracteres, até então, na visão do autor, parecem notáveis. Sobre este aspecto, assim Otaíza de Oliveira Romanelli se manifesta:

No Brasil, as mudanças ocorridas a começar dos anos 1930 foram evidentemente parciais e desiguais, envolvendo interesses divergentes, unidos provisoriamente para a consecução de objetivos mais ou menos comuns, com vistas ao deslocamento da velha estrutura do poder. Essas mudanças tiveram caráter espontâneo e foram mesmo conseguidas graças ao crescimento econômico espontâneo de determinadas regiões [...]. (ROMANELLI, 2010, p. 113).

Não podendo trabalhar com certezas, visto que ficção e realidade se entrecruzam, poderia dizer que a proposta do autor seria a de realizar uma possível *tese de transição* entre décadas. Para isso, o ciclo de Clarissa Ihe serve de passagem de tempo, com obras às vezes apimentadas e provocativas, ou adocicadas e irônicas. O contraste evidenciado por Otaíza de Oliveira Romanelli é evidente, embora desigual, e retratados nas obras literárias como cruéis.

Volto, então, à reflexão de Jorge Nagle, que ao referir-se ao sul do Brasil, me permitiu observar que as percepções do autor de o ciclo de Clarissa não eram ingênuas. As enunciações anteviam mudanças significativas na perspectiva educacional sul-rio-grandense. E, apesar de as dificuldades encontradas por Clarissa e suas colegas de magistério, observa-se uma relativa facilitação crescente de encontrar colocações nos grandes centros urbanos, dado que, mais tarde, seria apontado como o sucateamento da educação, uma vez que a precariedade na formação dos profissionais da área criou um descrédito entorno da profissão. Afinal, uma vez que crescia o direito à educação, levas e levas de professores sem formação apropriada, se observada pelo ângulo do que temos hoje, mas contextual, já que não pretendo ser anacrônico, passaram a compor os quadros do magistério.

Além disso,

[...] a doutrinação iniciada no campo da educação escolar repercutiu, na época, muito mais do que quaisquer outras, além do que teve maior continuidade; e com a situação criada com as colônias imigrantes, principalmente no sul do país, e cuja consequência mais significativa foi o desencadeamento do processo de nacionalização da escola primária, aparece outro foco desses sentimentos nacionalistas. (NAGLE, 2001, p. 65).

Assim, os indícios de um projeto de organização da identidade nacional faz com que se criem

[...] objetivos menos gerais, tais como os seguintes: manter a ideia de coesão e integridade nacional; defender o trabalho nacional; difundir a instrução militar nas diversas instituições; desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, [...] avivar o estudo da história do Brasil e das tradições brasileiras. (NAGLE, 2001, p. 66).

A referência retoma aos diálogos entre Vasco e Clarissa sobre o por quê de se vangloriar os símbolos nacionais, como os momentos cívicos ocorridos na escola e a comemoração de datas enaltecidas de grandes feitos nacionalistas, dentre os quais a “descoberta do Brasil”, sobejamente presente em *Música ao Longe*. O questionamento vinha de um inconformismo com o embelezamento dos momentos em que ocorriam tais momentos cívicos, e com tanta ênfase, enquanto tanto a própria professora desconhecia o significado de algumas palavras, quanto os alunos, a maioria deles com vidas miseráveis, pais alcoólatras, moradores de bairros violentos e que, mesmo assim, vangloriavam o país em que viviam.

Pareceu-me que há uma intrigante relação entre o fato de o Sul do país ter recebido tantos imigrantes e ser a região do país para a qual mais se direcionam os movimentos nacionalistas. E, a educação, por sua vez, é o elemento fundamental para difundir tais movimentos. Nas palavras de Carvalho,

[...] o termo *educação*, entendido como direção imprimida à sociedade por uma elite, abrangia o trabalho de construção e consolidação de uma hegemonia cultural, processo este em curso na intensa mobilização cívica de que se constituiu a campanha educacional. (CARVALHO, 1997, p. 120).

Clarissa, quando dialoga sobre o assunto civismo com Vasco, repreende-o por questionar a “ordem”, ao passo que também se inquieta, intrinsecamente, com tais práticas. E, mesmo pensando como o primo, não deixa de implantar as preleções cívicas no cotidiano escolar, tão propaladas em *Música ao Longe* e, quando estudante, em *Clarissa*.

O autor das obras, Érico Veríssimo, rejeitou diversos convites para compor a Academia Brasileira de Letras – ABL – e sempre preferiu denominar-se “contador de histórias”, e não um literato. Sem falsa modéstia, afastava-se das instituições de cunho enaltecido. E, pensando suas obras, percebe-se o quanto eleva a figura feminina, compondo as mesmas com robustez e capacidade de enfrentar os obstáculos, a rotina, o sofrimento, a miséria, as dores do parto, a consciência das aventuras promíscuas dos maridos, enquanto os homens aparecem como fracas criaturas, tendenciosos ao ócio, ao vício, com vulnerabilidade de caráter, muitas vezes atrelados às mães e, finalmente, incapazes de enfrentar a vida sem ter ao lado a esposa, a mãe ou a tia para recorrerem fragilizados por questões muitas vezes pequenas, outras tantas embaraçosas pela própria incompetência perante os rumos impostos pela rotina comum.

Analisando, portanto, as obras pesquisadas com o intuito de tornar possível a composição da presente pesquisa é evidente que, com zelo e delicadeza, o autor supõe ser a personagem Clarissa o exemplo, a metáfora representativa do significado do que seria uma professora, normalista, advinda do interior por meio da alteração geográfica, frágil nos sentimentos e rudimentar no trato com a profissão, representante da ideologia predominante na sociedade, no entanto com ideias contrárias a elas, as quais vão amadurecendo no decorrer das obras, embora restritamente direcionada a um conceito pontual: criada pela aristocracia, inculcada pelas tradições católicas, obediente às práticas pedagógicas – com protestos e elucubrações particularizadas –, amedrontada diante do sistema em que se insere, filha subserviente e, mesmo carregado de furtivos sonhos, comportada em todos os aspectos.

O conformismo, apesar disso, perdura em *Música ao Longe*, quando, no intento de agir com o sentimento, Clarissa se rende à perpetuação da negligência à realidade. Uma negligência, porém, silenciosa, traduzida em resignação.

Apesar disso, os velhos comportamentos, os preconceitos, as repreensões constantes aos questionamentos do poder estabelecido por parte de seus interlocutores, vão se diluindo à medida que a humanidade, em seu formato mais desnudado, mais evidente e mais gritante lhe salta pelas percepções da mulher que se torna. Assemelha-se, desta forma, com a representação da professora Fernanda. Esta última, entregue às vicissitudes do cotidiano, sempre pronta para enfrentá-las.

Nesse sentido, quando busquei, no passado, a participação das mulheres no aspecto social, como na literatura, em que encontrei resquícios do papel das mesmas na sociedade, me bastou observar romances de época como *O cortiço*³, de Aluísio de Azevedo, *Helena*⁴, de Machado de Assis, *O quinze*⁵, de Rachel de Queirós, dentre tantos outros. Entre lavadeiras, donas de casa e até mesmo prostitutas, é o trabalho das professoras que mais se destaca no que diz respeito ao trabalho formal, [ou informal, no caso das professoras que atendem particularmente o alunado, ou casos de professoras que se lançam ao sacerdócio, sem nada exigirem em troca, por possuírem recursos, e serem agentes sociais] com certo prestígio social, e garantia de um ordenado pelo trabalho. Os ordenados provenientes destes trabalhos eram, portanto, um dos poucos

³ AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ed. Moderna, 1983, 294 p.

⁴ ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Martin Claret, 173 p.

⁵ QUEIRÓS, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979, 112.

recursos que as mulheres possuíam para galgar e, assim, ajudar nas despesas da casa, ou mesmo exercer um papel de liderança, dependendo do posicionamento e da necessidade de cada uma perante suas realidades.

As imbricações que envolvem e desvelam a história da educação brasileira são temas geradores de polêmicas e de grandes pesquisas de renome internacional. A diversidade de formas com que se deram os processos de amadurecimento e frutificação do direito à educação, bem como do passado obscuro e tantas vezes pantanoso faz da temática um “ir sem vir”, em que nos aprofundamos, sem querer deixar de conhecer, pesquisar e, academicamente, interferir na produção que a envolve.

Ocorre, por outro lado, que as obras de Érico Veríssimo, sobretudo aquelas que envolvem a educação, são muito pesquisadas, e encontradas facilmente em ambientes virtuais, como domínio público. Enquanto pesquisador, eu não teria me fortalecido na empreitada sem antes visitar os belos trabalhos que já foram elaborados, embora em outras vertentes, mas sempre buscando o caminho percorrido pela docência no decorrer das obras de Veríssimo, representadas por Clarissa, a professora normalista (MORAIS, 2010), com vertentes diversas.

Tais parâmetros estimulam a pesquisa. Afinal, o trabalho da professora seria um divisor entre leigos e letrados em um universo cujo analfabetismo e o repúdio à educação formal eram intensos. E, mesmo assim, as pessoas enriqueciam, possuíam nomes exaltados nas políticas locais, enquanto a maioria da população encontrava-se imersa na penúria de um país cuja política pública pouco incidia na vida das pessoas.

Por isso, como faz parte do ofício do historiador, é necessário um olhar crítico e cuidadoso, pois as armadilhas pelas trilhas das pesquisas são muitas. Entender os documentos oficiais como relatos daquilo o que realmente aconteceu é demasiado arriscado, visto que sedutor, porém cada vez mais questionado, haja vista para o fato de que a história escrita nem sempre representa aquela vinculada à realidade.

Érico Veríssimo procura abranger os diversos “tipos” sociais daquele tempo sombrio e carregado de conflitos políticos, econômicos, sociais, e também da catastrófica desigualdade social, apenas atenuada pelo fato de que aquelas pessoas, representantes da elite, encontravam-se absortas das misérias humanas, sem sequer darem conta das dificuldades e das lutas enfrentadas pelas gentes que viviam tão

próximas às casas grandes, sem auxílio e dignidade. Guilhermino Cesar, assim se manifesta sobre a realidade compreendida nos escritos de Érico:

O modo de registrar as pulsações da vida tem, portanto, nos romances de Érico o seu *corpus*, o seu cânone doutrinário. Na família dos Dickens e dos Balzac, dos Thomas Mann e dos Tolstoi, o ficcionista gaúcho não se envergonha de contemplar e captar o cotidiano em suas minúcias. E ao cabo de tudo, essa fidelidade ao real há de representar algo duradouro numa ficção como a da segunda metade deste século, que tende a exilar-se do fato, ao gosto de certas vanguardas da Europa, para apreender as formas exteriores dele, subtraindo assim ao *epos* o que ele tem de orgânico e vital, o fato como projeção do indivíduo, a sua consciência embebida de historicidade. (GUILHERMINO CESAR, 1972, p. 60).

Para Fábio Lucas, “O romance – a que mais propriamente se filia a tentativa de Érico Veríssimo nas obras em estudo – destina-se, em grande parte, a negar a moral de classe e a afirmar o direito de todos à justiça e à felicidade” (LUCAS, 2006, p. 18). Ou seja, Veríssimo, em sua posição de literato, trás à tona momentos temporais que, embora envoltos em uma narrativa literária, demonstram problemas reais de seu tempo, do qual ele não está desconexo, algo tantas vezes afirmado por ele em textos que escreve antes do início das obras, geralmente nos prefácios.

Lembrei-me, a este respeito, do que afirmou Veríssimo sobre uma de suas obras. Para ele, foi com *Olhai os Lírios do Campo* (1938), que ele pôde fazer da literatura a sua profissão, com imensas tiragens, rapidamente esgotadas das prateleiras das livrarias. Apesar disso, toda a sua obra foi e é considerada um primor em expor ao leitor a realidade daquele momento histórico, com reflexões profundas e afetuosas da vida cotidiana (CHAVES, 1972).

O caminho árduo, a situação precária das escolas, os interesses políticos que interpõem a distribuição de vagas, os laços de solidariedade que se constroem por estes caminhos e, enfim, o cenário educacional da época, no qual as dificuldades e os desafios são transversais no período, são retratados de forma literária, o que permite a análise do momento histórico recorrente nas produções acadêmicas que remontam ao período em que se inicia a abertura das escolas para as classes menos favorecidas.

Por si, a escola é descrita como um imenso bloco de concreto (VERÍSSIMO, 1977), inanimado, contraditório ao que diz o Seu Leocádio, que sempre chama Clarissa de Prosopopéia. Esse dado é exposto em *Música ao Longe*, e nos deixa a questão de como eram, naqueles tempos, as características arquitetônicas das instituições de ensino. Ficção e realidade, neste momento, podem se confundir. O termo

“concreto” pode ser figurativo, representando algo sisudo, frio, inquebrável e pouco acolhedor. Ou, de fato, a única escola de Jacarecanga, cidade onde a elite e a aristocracia desfrutaram de sobeja ostentação. E é prudente não me esquecer da constatação de Nagle (2001), para o qual, já foi mencionado, “a análise da estratificação social no Brasil republicano deve iniciar-se com a indicação das transformações econômicas operadas no sul do país [...]” (NAGLE, 2001, p 42).

Assim, podemos pensar, de fato, em uma escola estruturada naquilo o que se refere ao seu posicionamento perante a cidade, à sociedade e, no âmbito do fictício, àquela afirmação constante dos habitantes de Jacarecanga de que ela um dia havia sido visitada pelo Imperador, e desmentido, pós-morte, pelo Senhor Leocádio Santarém, justamente naquele que seria o seu poema triunfal.

A grande mentira, que tanto entusiasmara gerações de moradores, novos, jovens e velhos da cidade, fora descoberta durante a limpeza da casa do velho sábio, após sua morte, realizada por D. Clemência, Vasco e Clarissa.

Os dois últimos, ao se depararem com um livro intitulado:

O IMPERADOR EM JACARECANGA

*Poema em dez cantos, por Leocádio de Santarém.*⁶

E, após, cuidadosamente, Clarissa e Vasco, abrirem o livro, puderam conhecer o seu curioso e revelador conteúdo, ao lerem, em uníssono:

*O Imperador nunca esteve em Jacarecanga.*⁷

O autodidata, em minha leitura, representa o teor ainda mistificado direcionado à educação, tantas vezes pronunciada pelos mais velhos como “coisa para a

⁶ Música ao Longe, 1977, p. 153.

⁷ Música ao Longe, 1977, p. 154.

mocidade”⁸. Assim como um mago⁹, ele sempre possui respostas inteligentes, porém vagas e subliminares às questões que lhe são direcionadas. Para o Senhor Leocádio, a personagem Clarissa revela a vivacidade possível [já que não exercida, mas por sua beleza e pelos conhecimentos que o mesmo tem por ela, tanto por sua tenacidade quanto pela inteligência silenciadas] dela, ofuscada por seres inanimados que a rodeiam. Fato este observado, também, por Vasco Bruno, que quando a chama de boba, e muda de ideia quando lê o seu diário, representando, também, um ser vivaz dentro do cenário obscuro daquele casarão, daquela família, daquela cidade. Otaíza Romanelli lembrando da educação classista, tornou possível pensar Clarissa como uma jovem que nega o que não deseja negar, justamente por ter recebido este tipo de educação – e priva-se, portanto, de caminhar de contramão ao que lhe fora imposto. Segue um trecho, a este respeito:

Nos países cuja tradição escolar criou um comportamento social favorável à demanda da educação “elitista” e aristocrática, dificilmente o início da industrialização acarreta mudanças na expressão dos interesses sociais pela educação. No caso do Brasil, por exemplo, mais de três séculos de escravidão e patriarcalismo podem ser responsáveis pela criação de uma demanda típica de educação classista. (ROMANELLI, 2010, p. 28).

Em *Um Lugar ao Sol*, as personagens parecem fantoches na pena do escritor. Eles se intercalam em uma trama que denota características de diversos tipos sociais. Ricos empresários, pobres pais de família, vilas miseráveis, e mansões de luxo e ostentação, desempregados, dentre outros inúmeros componentes sociais que evidenciam uma obra rica em realidade e sinceridade com o leitor, ao expor misérias realmente existentes e concretas, hipócrita e extremista.

⁸ Termo traçado por mim para, genericamente, explorar as diversas passagens em que a educação formal representa uma novidade aos mais velhos. Algo que, mais tarde, em obras posteriores, torna-se orgulho para os pais que conseguem enviar os filhos para estudarem “na capital”. E, embora João de Deus, o pai de Clarissa, o tenha feito, jamais tenha se mostrado orgulhoso disso, restringindo-se à manifestação violenta que fizera quando a filha, por perseguição a ele, fora transferida para uma escola de outra cidade, atitude esta que, fatidicamente, o levou à morte, com um tiro em um dos olhos, por um “capanga” do Prefeito de Jacarecanga [algo ocorrido em *Um Lugar ao Sol*], já que em *Música ao Longe*, praticamente não há diálogos entre pai e filha.

⁹ Para o Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Hollanda, Mago possui as seguintes definições: Sacerdote da religião de Zoroastro ou Zaratustra; Mágico, feiticeiro; Encantador, muito bonito; fascinador; Diz-se dos três reis que adoraram a Jesus recém-nascido; Mágica, feiticeira; Tripa de sardinha para isca. Nesta passagem, a respeito do Senhor Leocádio, considero que “Mágico”, seja a definição mais verossímil, do ponto de vista de como é descrito por Érico Veríssimo, o seu criador, em *Música ao Longe*.

Na obra mencionada, encontramos a educação como algo já não mais questionado. Pelo menos a educação formal, escolar, não apresenta ausência de vagas, de lugares sem escola e, como será discutido adiante, não parece intencionar o aprofundamento no assunto. Talvez seja mais uma questão de tratar a educação que se dá fora da escola: os leitores e não leitores, o alto grau de analfabetismo, os autodidatas conceituando melhor a vida e suas reais necessidades de forma mais adequada do que a própria educação formalizada pela escola e seus profissionais.

Escrita em 1936, não pude perceber traços de grandes dificuldades por parte dos agentes sociais em alcançar, no que se refere às crianças, a oportunidade de estudar. E, embora o ofício de professor ou professora seja problematizado, no que toca ao acesso a uma colocação no serviço público, os grandes problemas educacionais não se acentuam à pena do autor.

No entanto, volto a ressaltar a questão da educação não institucionalizada. Esta sim é sobejamente explorada em meio às personagens de *Um Lugar ao Sol*, por meio de diálogos, de atitudes, ideologias, da presença de estrangeiros de diversas partes, e das expressões culturais que se estendem do mais humilde músico, ao conde que, outrora compusera a alta sociedade, e passa a ganhar a vida ensinando línguas no Brasil.

Portanto,

A educação para o desenvolvimento, numa realidade complexa, como é a brasileira, teoricamente não é um conceito fácil de se construir, já que se trata de pensar a educação num contexto profundamente marcado por desníveis. E pensar a educação num contexto é pensar esse contexto mesmo: a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está imerso. (ROMANELLI, 2010, p. 23).

Em contraponto a esta dificuldade de conceituar a educação brasileira, acredito ser importante mencionar as personagens estrangeiras que povoam as obras em análise, dentre as quais, Vittorio Gamba, que, em Jacarecanga, é dono da Panificadora Italiana *Gamba & Filho*, e as personagens com destaque em Porto Alegre, como Gervásio Veiga, brasileiro, mas de outra região não definida, estudante de medicina e taxado por todos como comunista; além dele, o Conde Oskar, um austríaco cuja fortuna fora perdida, e passa a sobreviver lecionando línguas; Don Pablo, que é vizinho de Fernanda, e, depois, também de Clarissa, de sua mãe e do primo, é um espanhol que vive a resmungar e cuja esposa lhe proporciona tudo o que ele deseja; Anneliese, alemã, que mantém um fortuito, porém intenso, relacionamento amoroso com Vasco, em um

tempo durante o qual ele se sente fascinado, ao passo que, quando dispensado, humilhado e ressentido; encontramos, ainda, o pai de Vasco Bruno, que surge com facilidade na trama [não gera suspense, como em certas novelas, nem grandioso espanto naqueles que o recebem e conhecem minimamente a sua história], e passa uma temporada na casa dos Albuquerque, em Porto Alegre. Trata-se do irreverente Álvaro Bruno, pintor, italiano e viajante.

Todas estas personagens, criadas por Érico Veríssimo, trazem as suas aspirações pelo *novo mundo*, encontrando, porém, a miséria e a evidente ausência de pessoas passíveis de manterem um relacionamento de exposição e absorção de ideias. Um círculo não de giz (VERÍSSIMO, 1981, p. 1), mas, de fato, oceânico, lhes impede de avultar na exposição de experiências, nas trocas intelectuais, e até mesmo na ausência de material concreto para escrever, para pintar, enviar cartas. E suas insatisfações, desgostos e malogros se traduzem em vidas improdutivas, às vezes inconsequentes, mas sempre carregadas de grande saudade de tempos que viveram, e desfrutaram da cultura europeia dos finais do século XIX e início do XX. Por isso:

[...] a emergência da ideia de moderno significando ruptura não pode ser plenamente compreendida se deixarmos de considerar que a virada do primeiro pós-guerra foi internacional, abrindo brechas em todos os sistemas culturais com indícios de saturação. (LAHUERTA, 1997, p. 94).

Neste aspecto, sugeriria que o mais bem posto, em relação ao conforto, é Don Pablo, com moradia fixa, e a possibilidade, fomentada pela esposa, de ler, diariamente, o seu jornal, dizendo [ou gritando] em bom som, para que se lhe ouvissem os vizinhos, a sua insatisfação com a sua condição, com a sua moradia, com as notícias locais e as europeias, com o país em que habita e sua política, com a miséria que é a sua vista pela janela, pelo latido dos cães, e pela saudade de sua terra.

Tudo isto se acentua em *Caminhos Cruzados*, obra na qual os atores sociais se multiplicam, dando vazão a estrangeiros de culturas arraigadas, falsas senhoras caridosas, mais preocupadas com o próprio ego do que com o efeito causado pela ação praticada. A luta por uma colocação por parte das professoras Clarissa e Fernanda, que se submetem a ocuparem vagas de pessoas que são dispensadas e por não terem as referências das mesmas. A resistência de um rapaz rico em aceitar a ajuda dos pais, e preferir viver ao lado da pobre mulher professora, enfrentando ao seu lado as agruras da

convivência com a sogra, a insuportável presença do cunhado e a barulheira infernal da vizinhança, como é o caso de Noel.

Além disso, o professor solitário, vizinho da família miserável, representada pelo patriarca João Benévolo, cuja pobreza se denota pelo emagrecimento dos viventes ao longo da obra, e João passa os dias acreditando ser um dos Três Mosqueteiros – maneira encontrada para disfarçar a pobreza para o filho, para a mulher, e para si mesmo, chegando ao extremo de fazer vistas grossas às traições da esposa com o dono da casa, em troca deste lhes dispensarem do aluguel, e ainda deixar alguns trocados.

É importante observar que a cultura, e certo grau de ensino, tangentes à leitura e à escrita estão presentes, embora menosprezados, inutilizados e, mais que tudo, um refúgio para a condição de desgraça da vida humana. “Tomar o impresso em sua materialidade implica tratá-lo como objeto cultural que, constitutivamente, guarda as marcas de sua produção e de seus usos”. (BICCAS & CARVALHO, 2000, p. 63).

É em meio a este cenário dantesco que sobrevive a professora Clarissa, aprendendo humanidade com Fernanda, solidariedade com os vizinhos, e o surgimento de um amor, já antevisto em *Música ao Longe*, pelo primo Vasco Bruno. Mas até o seu amor possui limites. É preciso manter o status: Professora Clarissa... Sim Senhor!

Em *Caminhos Cruzados* é que se encontram Clarissa e Fernanda, formalizando uma amizade que seria concretizada em *Um Lugar ao Sol*. Por tal razão, o primeiro livro chega a me parecer um desabafo do autor quanto ao momento social, político e econômico. Getúlio Vargas se encontra no poder, o Estado Novo, de 1937, se avizinha, mas a população passa por apuros. Enquanto alguns se esbanjam, outros vadiam na rua, descrentes com tudo, ou em busca de emprego. Na ausência de leis trabalhistas, João Benévolo, assim como Fernanda, perdem o emprego na Empresa do Senhor Leitão Leiria, sem qualquer direito, para ceder lugar a indicados, filhos de amigos.

Enquanto isso, em carro luxuoso, a esposa do empresário, em visita às vilas pobres, concede algumas moedas a crianças de rua, e até à própria esposa de João Benévolo, sem mesmo saber do ocorrido, e com a mínima vontade de saber. Faz juras de empregos para todos, e não deixa de posar para a imprensa sempre que cede migalhas aos viventes que se aproximam. Imagina, atônita, as imagens e os elogios que estarão estampados nas capas dos jornais da Capital Gaúcha na manhã seguinte.

Em apresentação da versão comemorativa do Centenário de Érico Veríssimo, em que suas obras foram republicadas pela Editora Companhia das Letras, em 2005, na obra *Caminhos Cruzados*, Antônio Cândido assim se posiciona sobre o texto, em um dos trechos de sua rica análise:

Para os jovens do meu tempo ele [*Caminhos Cruzados*] ¹⁰ representou antes de mais nada uma etapa na grande aventura que foi o *boom* da ficção brasileira nos anos 1930, depois que o movimento armado de outubro liberou tanta energia na vida política, na vida cultural, no ensino, no comportamento. Foi um decênio de opções ideológicas, marcado pela polarização fascismo-comunismo e pela convicção, nova no Brasil, de que o intelectual deveria definir-se politicamente. [...] Foi nos anos 1930 que o Brasil começou a se conhecer melhor como um todo contínuo, acima da diversidade regional e da dificuldade de comunicação. (CÂNDIDO, 2005).

No mesmo livro, no Prefácio do Autor, texto de 1964, e estampado na versão comemorativa de 2005, ele assim pondera suas mudanças na estética literária, mencionando a transformação que lhe causara o surgimento da personagem Clarissa:

Sim. Eu abandonara o reino dos fantoches de papelão pintado para, conduzido por Clarissa, entrar para a pensão de d. Zina no território das criaturas de carne e osso. [...] *Caminhos Cruzados* é evidentemente um livro de protesto que marca a inconformidade do romancista ante as desigualdades, injustiças e absurdos da sociedade burguesa. Não é, pois, de admirar que seu autor tenha sido desde logo apontado por críticos e leitores primários como um agente da propaganda comunista. (CC, 2005, p. 20) ¹¹

A sinceridade de Érico Veríssimo é demonstrada em meio às diversas passagens em que se manifesta. Seu gosto por Clarissa, os planos que desenha para ela, e o fato de jamais colocá-la, ao contrário do que fizera com tantas outras personagens, em situações em que não haja uma solução rápida e precisa, endossa não somente o cotidiano da professora, mas também os seus desafios, a desnecessidade de enfrentamentos bruscos, de ter de vencer desafios sozinha e com voz ativa. A personagem é envolta de certa personificação do requinte, no que tange ao seu sofrimento pueril, e tantas vezes apenas observador. Portanto, a palavra final nunca é sua. A decisão não depende dela. Veríssimo dá o nome de Clarissa, na vida real, a uma de suas filhas. Na ficção, será em *Saga*, o último livro do ciclo, em que Clarissa foge ao mundo da beleza, da suavidade, da inocência [aparente], quando fica grávida do primo Vasco Bruno.

¹⁰ Grifo meu.

¹¹ Prefácio do autor na versão comemorativa de 2005, p. 20 (Texto de 1964).

Capítulo 2.1. De *Clarissa* a *Um Lugar ao Sol*.

[...] penso que nunca segui um comportamento histórico que não tivesse como ponto-de-partida uma questão colocada pelo presente. (ARIÈS, 1981)

Neste momento do texto, é importante mencionar que, quando faço a seleção de obras que vão de *Clarissa* a *Um Lugar ao Sol*, deixo de lado a análise de *Caminhos Cruzados* e *Saga* – romance que será difundido em breve nas análises sobre Clarissa, a professora normalista. Que fique entendido, portanto, que adiante realizarei um arrazoado sobre a hipótese anteriormente mencionada e, agora, deveras declarada. O estudo que se segue considera, guardadas as proporções, e a critério de quem o escreve, a provável continuidade, proposta por Érico Veríssimo, ao escrever *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935) e *Um Lugar ao Sol* (1936).

Quando me refiro à continuidade, não tenho a pretensão danosa e/ou perigosa de comparar a proposta continuidade como em *O Tempo e o Vento*, ele propõe: *O Continente I* e *O Continente II*, *O Retrato I* e *O Retrato II*, *O Arquipélago I*, *O Arquipélago II* e *O Arquipélago III*, formando uma trilogia contínua. Não. Aqui, o que importa é a continuidade da personagem Clarissa, entre outros, nas três obras, e, sobretudo, a busca por compreendê-la como uma representação de professora daquele tempo em que as obras foram escritas.

Neste aspecto, confirma-se pelo próprio nome designado às obras compostas por Veríssimo e que encontram em Clarissa um “Ciclo”, a Clarissa do livro de 1933, e a Clarissa de *Música ao Longe*, e também de *Um Lugar ao Sol*, num conjunto que, embora englobe apenas alguns anos da vida literária do autor, a saber, o início dela perpassa por transformações sociais de um período de acontecimentos ligeiros no contexto político, social e econômico do Brasil.

Nos próprios textos, são mencionadas memórias entre um tempo e outro, entre acontecimentos de uma obra para a outra. Os cenários, as técnicas de regredir no tempo, por meio dos diários de Clarissa, e, finalmente, a linha de pensamento e ação educacionais da mesma durante o percurso entre o curso normal, o exercício da profissão em *Música ao Longe*, e o amadurecimento do mesmo em *Um Lugar ao Sol* são componentes insofismáveis em caracterizar uma continuidade descontínua.

Com efeito, personagens e lugares perduram. Lembranças ficam, mas os tempos são outros. A alegria contagiante que Clarissa expressa na obra de 1933, torna-se pueril na vivência de normalista da Clarissa de *Música ao Longe*, e um martírio, apenas atenuado pelo amadurecimento pessoal, profissional e, até mesmo, amoroso, de *Um Lugar ao Sol*.

Neste último, a luta pela colocação de professora é árdua, mas ocorre. Clarissa descreve a proximidade que galga com os seus alunos de Canoas, mas agora é uma mulher. É preciso pagar o aluguel, o padeiro, ajudar Vasco, comprar aviamentos de costura para a mãe, levar um docinho para o aluno pobre que não tem lanche, emprestar um trocado para a vizinha, pagar o bonde que lhe leva ao colégio.

O aparato social, portanto, e como claramente se observa, torna a questão do “ser professora” uma questão não menor, mas comum. Aquela gente que vive nos arredores da casa de Clarissa, em *Um Lugar ao Sol*, assemelhasse-se com ela. É o proletariado. Os que acordam cedo e vão para o trabalho. Ou os que vivem às custas dos outros. Quem vive na mais profunda miséria, mas não possui coragem. É o mundo das personagens que carregam de verossimilhança a passagem dos anos de 1920 com os de 1930, esta última ainda mais surpreendente, me referindo às personagens que povoam as três obras ora analisadas.

Apesar disso, avizinha-se o Estado Novo, e com ele, a demanda de os pobres adentrarem ao universo escolar, com mais intensidade. Portanto,

[...] no Brasil, a partir de 1930, a expansão do ensino acabou por acentuar a defasagem entre educação e desenvolvimento, por causa do ritmo e da caracterização da expansão da demanda e, ainda, por causa de fatores de ordem política e econômica. Isso se exprimiu, de um lado, pela falta de oportunidades educativas (defasagem quantitativa) e, de outro, por um desequilíbrio entre os produtos acabados fornecidos pela escola e as necessidades econômicas de qualificação de recursos humanos (defasagem estrutural). (ROMANELLI, 2010, p. 29).

E, adiante, todos estes dados tendem ao fato de que:

A escola, neste caso, é utilizada muito mais para fazer comunicados do que para fazer comunicação e este papel é desempenhado tanto mais eficazmente quanto mais o que se pretende com a ação escolar é formar o espírito ilustrado, não o espírito criador. Cedo ela se transforma numa instituição ritualista, onde o cumprimento de certas formalidades legais tem valor em si mesmo. Na fase colonial, este tipo de ação escolar é também o instrumento do qual vai servir-se a sociedade nascente para impor e preservar a cultura transplantada. A forma como foi feita a colonização das terras brasileiras e, mais, a evolução da distribuição do solo, da estratificação social, do controle

do poder político, aliadas ao uso de modelos importados de cultura letrada, condicionaram a evolução da educação escolar brasileira. (ROMANELLI, 2010, pp. 23 – 24).

E, mais grave do que isso, constata-se que:

[...] no que tange especificamente à educação [...] a par do crescimento da demanda potencial, ocorria, e aceleradamente, um crescimento da demanda efetiva. Esse crescimento acabou por pressionar o sistema educacional existente, que sofreu, a partir de então, uma expansão jamais vista antes. Além disso, parece-nos, ficou mais ou menos claro que essa expansão, todavia, sofreu deficiências profundas. Quantitativamente falando, a expansão existiu, mas foi contida pela inelasticidade da oferta, pelo baixo rendimento do sistema escolar e por seu acentuado aspecto de discriminação social. Qualitativamente, essa expansão sofreu deficiências de caráter estrutural, porque tanto em relação à demanda quanto em relação à oferta ela se processou em direção oposta àquela exigida pelo desenvolvimento brasileiro. Com isso, quer-nos parecer que conseguimos dar fundamentos à nossa hipótese de que, desde 1930, cresceu a defasagem existente entre educação e desenvolvimento no Brasil. (ROMANELLI, 2010, p. 128).

Enquanto a Clarissa de 1933 vive a alegria de tempos bons, embora não se retrate, parece que o autor ainda não vislumbra, o que o mesmo confessa em escritos informais, a sede de realidade do país. A futura professora brincava ao sol, e se fôssemos a fundo, no âmbito da fantasia, sua família poderia estar esgotando os últimos recursos para mantê-la na capital.

Com isso, se em *Música ao Longe* ela começa a enxergar a realidade à sua volta, em *Um Lugar ao Sol*, o sol que outrora tinha em sobeja no livro que inicia o ciclo, agora precisa ser encontrado, buscado. A sede, agora, é de sobrevivência. E se a escola é tão explorada no primeiro e no segundo livro, no terceiro torna-se o caminho para alcançar tal “sol”, utilizado como metáfora, em alusão à saída do escuro, das misérias, do sofrimento e da entrega, como antes fizera seu pai, que de corpo e alma entregara-se à política para fugir de sua condição de inútil, alcançada pela falência, como último recurso para não se confessar um fracassado.

Portanto, o ciclo de Clarissa é carregado desses elementos. Os que lutam, como Fernanda, Vasco, Noel [com a ressalva de necessitar do “empurrão” de Fernanda], Dr. Seixas, Tia Zina, e os que padecem, como João Benévolo, Tio Couto, Pedrinho, dentre tantos outros, sempre em maior número. Transversalmente, a educação formal, ou não, demonstra a necessidade surgida em superar o “antigo”, bem representado por D. Clemência, D. Eudóxia e D. Magnólia, para que venham dias melhores para todos. Não com a ausência delas, mas com a busca por um lugarzinho ao

sol, pela independência, pela capacidade de ajudar e ajudar-se, exemplarmente exposto por Fernanda.

Capítulo 3. *Caminhos Cruzados & Um Lugar ao Sol*: a educação em outro ângulo.

Se tanto Fernando de Azevedo quanto Anísio Teixeira, ao empreenderem as reformas da educação pública do Rio de Janeiro e ao intervirem na formação para magistério da capital brasileira nos anos de 1920 e 1930, preocuparam-se em organizar bibliotecas escolares, a administração anisiana, ampliando as iniciativas azevedianas, delineou estratégias e conduziu ações que alteraram significativamente a composição do acervo bibliotecal e modelaram práticas de leitura [...]. (VIDAL, 2000, p. 30).

Durante o percurso que até aqui foi trilhado, proponho que este terceiro capítulo verse de maneira cronológica às duas obras a serem analisadas, quais sejam, em ordem de escrita: *Caminhos Cruzados* (1935) e *Um Lugar ao Sol* (1936).

Em ambas, observamos a educação, com a participação de Clarissa, a professora normalista. Apesar disso, me pareceu, de início, que o universo educacional, formal e escolarizado seria o grande destaque daquele em que defini “O ciclo de Clarissa”. Porém, pude observar, durante leituras variadas, que a educação não formalizada pela escola, mas pela convivência, pelos legados da imigração e, até mesmo, pelo autodidatismo significam muito no universo da transição dos anos de 1920 e 1930.

Clarissa, por sua vez, não deixa de manter uma formatação de professora, com condutas ditas adequadas, e ideias destoantes do universo informal no qual passa a sobreviver na vila em que passa a morar, quando aceita a proposta de Fernanda. Esta última, porém, se entrega ao popular. Sabedora da distinção entre ofício e vida prática, ela transita entre ambos, sem pestanejar, acudindo uns e outros. Nesse sentido, parece-me que a docência transcende o profissional, como está claro no texto, que, a este respeito, confirma:

[...] ao longo dos anos 30, só se fez aprofundar, mobilizando as atenções da *intelligentsia*, colocando-a reiteradamente diante da perspectiva de definir sua identidade social atribuindo-se um certo caráter “missionário” e não mercantil. (LAHUERTA, 1997, p. 95).

Caminhos Cruzados, representante da segunda fase do modernismo, evidencia os conturbados anos entre 1930 e 1940. Nesses anos, advém os prelúdios para a Segunda Grande Guerra Mundial, a queda da Bolsa de Valores de Nova York [suas sequelas, já que ocorreu em 1929], para além da crise cafeeira e a perseguição aos socialistas.

Os artistas, porém, assumem nova postura. Temas regionalistas, urbanos e psicológicos ganham espaço com ousadia. Novos núcleos de personagens surgem nos romances, entre eles, alguns isolados, mas com destaque para as famílias ricas, as emergentes, entre os pobres e miseráveis. Os falsos moralistas ganham espaço, enquanto as indicações para cargos, independentemente da classificação de quem os concorrem, são dados aos filhos e apadrinhados de amigos.

Há, portanto, na literatura, uma fuga, por meio das novelas, como em *Caminhos Cruzados*, que, embora seja um livro de média proporção, engendra seus episódios em cinco dias, de Sábado de manhã, à Quarta-feira à tarde. Com cenas curtas, aborda questões polêmicas, até com ênfase no lesbianismo, ocorrido entre as personagens Vera e Chinita.

Destaque é preciso fazer, ainda, para os contrastes entre as camadas econômicas. Enquanto uma família, a dos Pedrosa, vivenciava a pobreza em Jacarecanga, de *Música ao Longe*, e vence na loteria, já em *Um Lugar ao Sol*, o que parecia a solução de todos os problemas se acentuam com o desfacelamento da família, logo observado pela matriarca da família, a qual passa a recordar de sua horta, dos polpudos repolhos, e das amizades que perduravam enquanto ainda era pobre.

Ao contrário disso, o marido pensa na pompa da festa que lhe inaugurará na Capital. O filho se desvia cada vez mais do ambiente familiar, enquanto a filha alimenta um amor por outra moça. Todos esses dados evidenciam que não é a riqueza desenfreada o motivo pelo qual a felicidade se assenta. A matriarca da família observa tudo o que outrora unia a sua família, a simplicidade e a nobreza de caráter, esvair-se para a ambição desmedida.

No que se refere ao Professor Clarimundo, amigo de todos, porém com suas reservas, perduram em si os planos de escrever o livro, de ascender-se socialmente, e provar ao mundo que suas ideias não eram vãs. Aqui, o cinema surge no cenário nacional, e desperta o interesse do professor, ampliando sua mente fértil em fantasias e

ilusões, e acendendo a chama para a continuidade da produção de seu livro. Enquanto isso, João Benévolo, seu vizinho, encontra na literatura, o refúgio para as suas misérias, e, de forma assemelhada ao professor, se entrega aos sonhos e às ilusões.

Nesse sentido, ricos e pobres sofrem. E, embora a linguagem do autor seja realista, retratando uma época específica, o sofrimento é inevitável. Ambos os lados são vitimados por um período difícil, período no qual o psicológico parece ganhar importância, embora tardiamente, e de forma gotejante, com restrições para os quais e para quem será destinado o tratamento, restando, para os outros, viver em lamentação e sofreguidão esmorecedora.

Não poderia furtar-me de constatar que a educação, nos moldes escolares e institucionais, possui pouco espaço nas duas obras em referência. E, embora estejam inclusas no ciclo de Clarissa, adiante justificarei motivos que a poderiam tratá-las de outra maneira, ou deixá-las de fora da busca em encontrar o caminho da educação no traçado de vida de Clarissa.

Apesar disso, quando encontramos a precisa explanação dos conturbados anos de 1930 a 1940, caracterizados pelo início da Segunda Grande Guerra, da Queda da bolsa de valores de Nova York, a Crise Cafeeira no Brasil, a caça aos socialistas, e a mudança de postura dos artistas – com o surgimento dos romances urbanos, os temas regionalistas e a própria ousadia, em si, acredito sim tratar dos pilares do que hoje temos como educação.

Ao evidenciar, por exemplo, em *Caminhos Cruzados*, os variados núcleos de personagens, com famílias ricas, emergentes ou pobres, temas polêmicos como o próprio lesbianismo, portanto os contrastes entre as camadas, para além das personagens em comum, desenha-se o fidedigno retrato de uma época.

Capítulo 3. 1. Os tempos escuros e a volta ao lugar ao Sol:

Saga.

Os súditos elogiam a tranquilidade pública, os cidadãos a liberdade dos privados; um prefere a segurança das posses e outro aquela das pessoas; um pretende que o melhor governo é o mais severo, outro sustenta que é o mais brando; este quer que os crimes sejam punidos e aquele que sejam prevenidos; um é de opinião que se deva ser temido pelos vizinhos, outro prefere ser ignorado por eles; um fica contente quando o dinheiro circula, outro exige que o povo tenha pão. Mesmo no caso de haver concordância sobre esses pontos e outros semelhantes, ter-se-ia avançado mais? Faltando a medida precisa às qualidades morais, embora se concorde quanto ao sinal, como se poderia estar de acordo quanto ao julgamento?

Rousseau – *O Contrato Social*.

Para Beatriz Badim de Campos (2015), Érico Veríssimo é o autor de seu tempo. A autora, por meio de um rico estudo sobre a vida e obra de Érico, sobre o contexto de 1930 a 1940, chega a tocar nos termos denominados “realismo social de Érico Veríssimo”. Parece-me evidente, e do contrário não teria aqui chegado, que Beatriz está correta.

O dado apresentado, porém, qual seja, a afirmativa da autora, chega tarde a este estudo, quando dissertarei sobre a obra que mais se destoa da realidade brasileira e, portanto, dificulta certas ponderações. Uma pesquisa, porém, não deve, em defesa da harmonia de seu texto, fugir das dificuldades que se apresentam. Dificuldade esta a que explanarei.

Saga, embora considerado em prefácio do autor, o pior de seus livros, pode ser visto como um libelo humanista escrito por Veríssimo. Narrado em primeira pessoa por Vasco Bruno, presente em todo o ciclo de Clarissa, demonstra de forma virulenta e realista as tragédias, misérias e sordidez das guerras, no caso, a Guerra Civil Espanhola. Reconhecida pelos literatos como representante da Segunda Fase do Modernismo, a obra é dividida em quatro partes e, como o narrador é Vasco, ele é o seu protagonista.

Tendo se alistado como voluntário na Brigada Internacional que se voltou para a Espanha, durante as forças governistas do General Francisco Franco – um dos maiores ditadores da História, colaborador de Hitler na Segunda Grande Guerra

Mundial, – concretizou amizades, desenvolveu laços da mais pura solidariedade, dentre os quais muitos “estrangeiros”, se fere violentamente durante as batalhas, desenvolve certo relacionamento amoroso, que se encerra com rapidez, noticiado por fuzilamentos realizados por motivações diversas.

Enquanto isso, no Brasil, o Estado Novo preponderava. E, para Lahuerta (1997), o mesmo representa o que se observa no trecho:

*O Estado Novo representa [...] o coroamento de um ideal de modernização e de uma demanda de unificação – cultural, política etc. – que, forte já antes, se radicaliza difusamente ao longo dos anos 20, impondo a prevalência do tema nacional e que pode ter sua retomada simbolicamente localizada em 22.*¹² (LAHUERTA, p. 105).

Já na Espanha, o que Vasco Bruno sente, é o horror pela Guerra. E, além disso, a saudade de Clarissa, que povoa os seus pensamentos durante o tempo em que consolida e compreende com clareza o amor que sente pela mulher que, durante o ciclo de Clarissa, ele mais amou.

De volta ao Brasil, o protagonista encontra os velhos conhecidos. Muda-se, com Clarissa, para um sítio emprestado por Fernanda, a qual havia recebido uma herança e investira em várias obras sociais, e ambos passam a viver no campo, na terra, da qual Vasco tanto sonhara em, quando voltar da Guerra, se aproximar. No romance, Clarissa encerra o seu ciclo, grávida do primo, ambos com uma vida simples e tranquila. Flávio Loureiro Chaves assim define o final de *Saga*:

No final de *Saga*, ao encerrar-se a história de Vasco, a última proposta do romancista é uma Clarissa grávida, futuro fecundado em desafio enigmático. O mundo que o “contador de histórias” elaborou, a partir de sua generosa adesão ao bicho-homem, inclui a vida e a morte, a queda e a reconstrução, a humanidade subvertida e os homens que lutam, principalmente as mulheres que, em meio à miséria social, se deixam fecundar na promessa dos dias vindouros. (CHAVES, 1972, p. 78).

A entrega às vicissitudes, neste caso, é um claro exemplo de força de vontade e de capacidade de luta. No que se refere à educação, em ascensão, como já foi observado, é um porto seguro para Clarissa, e até mesmo para Vasco, que agora lhe é o companheiro e pai do filho que ela carrega no ventre. Aconteça o que acontecer, haverá um lugar, haverá uma escola, haverá a necessidade de uma professora disposta a cumprir com a missão a que se submeteu.

¹² O próprio autor grifa este trecho no capítulo do livro em que possui um artigo, e cuja referência constará no item Referências Bibliográficas.

IV – O AUTOR E SUA OBRA:

Marcadamente uma pessoa simples, nascida em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no ano de 1905, e de família de classe média, porém, depois da separação de seus pais, e com a falência da Farmácia da família, Érico Veríssimo perpassa por diversas etapas. Em 1922, começa a trabalhar para ajudar nos gastos de casa. E, embora sentisse ímpetos de caricaturar personagens, com habilidade para o desenho, e mais tarde, voraz e talentoso escritor, o trabalho não lhe dá folgas.

Quando, na década de 1930, inicia sua vasta carreira literária, recebe críticas da elite, ofendida por suas volumosas provocações. E, mesmo acusado de possuir uma linguagem simplista, degradante das classes abastadas, a venda de seus livros é grande. Já em 1940, vai com a família para os Estados Unidos, onde leciona literatura brasileira, além de ser um reconhecido tradutor autodidata.

Nos anos de 1950 e 1960, é enquadrado pela crítica como o escritor regionalista do sul. Porém, é no ano de 1972 que, tendo por toda a sua carreira, se denominado “O contador de histórias”, e não um escritor de fato, a alcunha lhe é dada em uma versão comemorativa organizada por Flávio Loureiro Chaves¹³, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, por meio de um livro em que diversos acadêmicos lhe prestam homenagens, dentre os quais o Professor Antônio Cândido, Mário Quintana, Guilhermino Cesar, dentre tantos outros.

Além de rica, a obra é publicada durante a vida do autor, que falece três anos depois, vítima de infarto, em 1975. Trata-se de uma versão comemorativa dos 40 anos de vida literária do autor. Já em 1982, toda a sua obra é composta em livros ricamente produzidos pela Editora Globo, intitulada “Obra Completa de Érico Veríssimo”. E, além das inúmeras publicações que ganham espaço durante os anos, em 2005 outra versão comemorativa do centenário de Érico Veríssimo, é publicada pela Editora Companhia das Letras, contando, novamente com sua obra completa.

Um dado importante que deve ser ressaltado trata do fato de que o autor, no final de sua vida, estava escrevendo o segundo volume de *Solo de Clarineta*, que seria

¹³ CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, 235 p.

uma de suas duas autobiografias. Como o primeiro volume já estava pronto, e o segundo em andamento, ele foi concluído como edição póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves, algum tempo após o falecimento do “Contador de Histórias”, em 1975, vítima de enfarte.

A seguir, passo a mencionar, em tabela, as obras, com suas respectivas datas, publicadas por Érico Veríssimo:

Título da obra	Ano de Publicação
<i>Fantoches/ Outros Contos</i>	1932
<i>Clarissa</i>	1933
<i>Música ao longe</i>	1935
<i>A Vida de Joana d’Arc</i>	1935
<i>Caminhos Cruzados</i>	1935
<i>Um lugar ao sol</i>	1936
<i>As Aventuras de Tibicuera/ Viagem à Aurora do Mundo</i>	1937
<i>Olhai os lírios do campo</i>	1938
<i>Saga</i>	1940
<i>Gato Preto em Campo de Neve</i>	1941
<i>O resto é silêncio</i>	1943
<i>A Volta do Gato Preto</i>	1946
<i>O tempo e o vento (1ª parte) — O continente</i>	1949
<i>O tempo e o vento (2ª parte) — O retrato</i>	1951
<i>O tempo e o vento (3ª parte) — O arquipélago</i>	1962
<i>México</i>	1957
<i>O senhor embaixador</i>	1965
<i>Noite/ O prisioneiro</i>	1967
<i>Incidente em Antares</i>	1971
<i>Um Certo Henrique Bertaso/ Artigos Diversos</i>	1972
<i>Solo de Clarineta 1</i>	1973
<i>Solo de Clarineta 2 – versão póstuma.</i>	1976

V – Considerações finais: “Palavra, palavra: se me desafias, aceito o combate”¹⁴.

O trabalho que ora se apresenta é econômico no tamanho de seu texto, mesmo tendo sido nele, explanados aspectos sociais, políticos, educacionais e até econômicos de cinco obras de Érico Veríssimo – além de diversos trechos de trabalhos realizados por pesquisadores da literatura, da educação e da história da educação – com maior ênfase para aquelas mais próximas do objeto da pesquisa, qual seja, o de compreender se a personagem Clarissa, seria, de fato, uma representação de seu tempo, no que diz respeito ao “ser professora” no período em que cada uma dessas obras são escritas.

Sinto-me, porém, à vontade para apresentar o trabalho ao público, caso seja reconhecido o seu valor. Isto porque não subjugo o leitor, antevendo que será procurado por aqueles que, interessados no assunto, tomarão das obras literárias para realizarem suas devidas leituras, mesmo embora acredite que elas tenham sido explanadas de maneira didática e compreensível.

Sobre a característica de minha escrita, talvez cause estranheza a forma simples de desenvolvê-la. E, para, além disso, a explanação sobre a história da educação tenha sido retida a apenas àquilo o que fora proposto: acompanhar o contexto em que acredito estar inserido o Ciclo de Clarissa, para além dos anos em que as obras que o compõe tenham sido escritas. Isto porque, na literatura, nem sempre é o contexto da escrita o tema em voga, como é o caso da trilogia *O Tempo e o Vento*.

Pretendo, nesta parte final do estudo, clarear alguns aspectos que me trouxeram relativa preocupação. Mesmo tendo lido e relido as obras de o Ciclo de Clarissa, não me antecipei em perceber que, desejando abarcar todo um arsenal de personagens, passagens, acontecimentos corriqueiros ou intensos demais, as obras *Caminhos Cruzados* e *Saga* não me forneceram a matéria-prima suficiente para

¹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 13 – 15.

evidenciar, em paralelo, uma relação forte entre o texto e a intencionalidade de o autor em tratar da educação.

Embora seja comum trabalhar com assuntos abordados à margem dos temas centrais de obras de ficção, utilizadas como referência por nós historiadores da educação, no caso dos dois romances, acabei por encontrar a educação informal, representada pelas expressões, culturais, leituras de personagens, do que de fato a educação institucionalizada, com perfis definidos, como em *Clarissa, Música ao Longe* e *Um Lugar ao Sol*.

Outro dado que mudou minha percepção, embora eu já tivesse vislumbrado enunciações sobre isto, foi o fato de ter encontrado muitos trabalhos, formais e informais, grupos de pesquisas, voltados para a obra de Érico Veríssimo. Nesse aspecto, o trabalho de Roselusia Teresa Pereira de Moraes e o de Beatriz Badim de Campos colaboraram com este entendimento. De fato, e tentarei mostrar esse dado, o autor gaúcho foi, por muito tempo, e, principalmente, no Brasil, estigmatizado.

Segundo Beatriz de Campos, foram os elogios vindos de outros países que, nos anos de 1970, quando Érico Veríssimo já estava prestes a encerrar sua carreira literária, que retiraram este estigma de simples “contador de histórias”, um autor de linguagem simples, e que, por suas críticas contumazes, já em início de carreira, desagradavam certas classes, as quais se viam naquelas condições de sociedade hipócrita e desigual, segregacionista e preconceituosa. (CAMPOS, 2015).

Pensando as personagens, agora que, relativamente encerrado o trabalho, e lembrando-me das mudanças mencionadas por Lahuerta (1997), por parte dos intelectuais das décadas sobejamente trabalhadas, evidenciam-se tais mudanças. Afinal, as personagens que se envolvem nas tramas, em sua maioria, aqueles que possuem destaque, detêm dons artísticos. Noel e Fernanda, compartilhando a escrita de um livro; o diário de Clarissa, que descreve muito daquilo o que pensa o autor, escondido por meio do pensamento da personagem; o desenhista Vasco, que se mostra por meio dos desenhos que maravilham quem os observa e, no futuro, lhe garante emprego; Amaro Terra, um pianista que trabalhou como bancário, mas fracassou no trabalho com a crise; Seu Leocádio, com as inúmeras invenções científicas, dentre tantos outros, incluindo colonistas, costureiras, modistas.

O título dessas “Considerações finais”, máxima de Carlos Drummond de Andrade, se dá como uma provocação diante dos percalços que uma pesquisa de mestrado impõe. São muitas as leituras, muitos os alcances e muitos os desencontros. As palavras são sorradeiras, e o entendimento é complexo. Apesar disso, é preciso enfrentar todos os desafios, e posicionar-se perante todos eles, ora vencendo as barreiras, ora se digladiando com elas. Porém, nunca sem deixar de procurar enfrentá-las, no sentido de colaborar com as pesquisas, com o trato com as fontes, e em finalizar o estudo proposto.

Neste ínterim, acredito que a pesquisa, além de contribuir com outras, mostrando elementos diversos, evidenciará um abrangente leque de possibilidades, por propor um ciclo literário, o que denominei “Ciclo de Clarissa”, contendo uma análise, embora simples, que contenha todas as cinco obras em que Clarissa esteja presente. E, apesar de todas as dificuldades de percurso, foi possível me deparar com uma gama de autores e autoras que se preocupam com a história da educação brasileira sob o prisma da literatura.

Além de o prazer de reviver as histórias, já tão familiares para mim, a experiência de compreender, por meio das pesquisas dos autores consultados, o esforço e o sucesso na empreitada dos mesmos, me fez vislumbrar novas formas de abordar e expressar, na escrita, com o auxílio das leituras, o pensamento crítico, a maneira de organizar a pesquisa, a seleção da bibliografia utilizada, bem como as leituras transversais aos temas, embora nem todos os aparatos que pude desenvolver, estejam presentes nesta pesquisa, visto que desenvolvidos já em sua fase final.

Nesse caso, passo a crer que toda e qualquer experiência de pesquisa, e justamente aquelas que geram maiores dificuldades, e, mesmo assim, logram aprovações diversas, são válidas e merecem atenção. Isto porque, do início ao fim deste trabalho, passei por experiências de aprendizado, de dúvidas, incertezas, mas também de valorizar os trabalhos que se me apresentaram, e tomar maior gosto ainda pela literatura, sobretudo a brasileira.

As palavras, então, são a matéria-prima de qualquer proposição, e é preciso enfrentá-las como meio de resistência aos percalços que se vão apresentando ao longo do percurso proposto. No caso deste trabalho, o maior desafio foi traçar, para além de paralelos, relações e comparações, um fio de análise que conduzisse a forma com que

seriam distintas às características presentes nos autores que tratavam dos anos de 1920 e aqueles que se remetiam aos de 1930. E para além deles, os que tratam justamente da transição de ambas.

Por fim, relacionar as duas décadas com as obras literárias, procurando elementos que distinguíssem os objetos que colaborariam com o trabalho, composto em meio a certa insegurança, me desviando das armadilhas, sobretudo aquela de, de repente, deixar de lado o assunto proposto para ser estudado, mudando, não deliberadamente, o liame da discussão proposta para este trabalho, o risco inerente ao trabalho do historiador. Creio que, em semelhança ao Gato-Do-Mato, alcunha recebida por Vasco Bruno, pelo fato de ser arisco e, se acuado, pode atacar, eu não tenha caído em tal risco.

VI – IMAGENS:

IMAGEM 1:

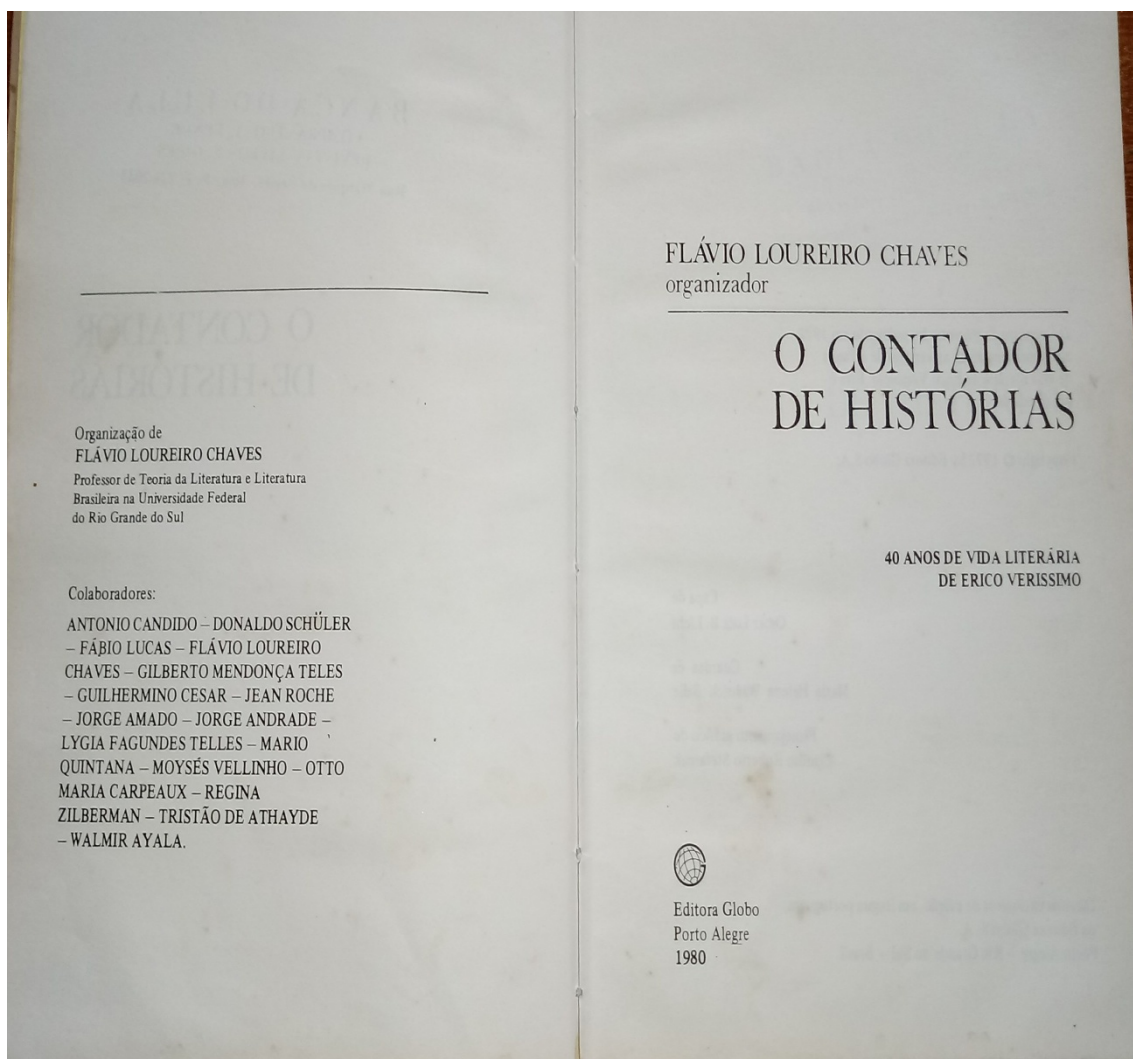
Contra capa do Livro “*O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*”, (Livro de arquivo pessoal).



FONTE: Acervo particular: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, contracapa, 235 p.

IMAGEM 2:

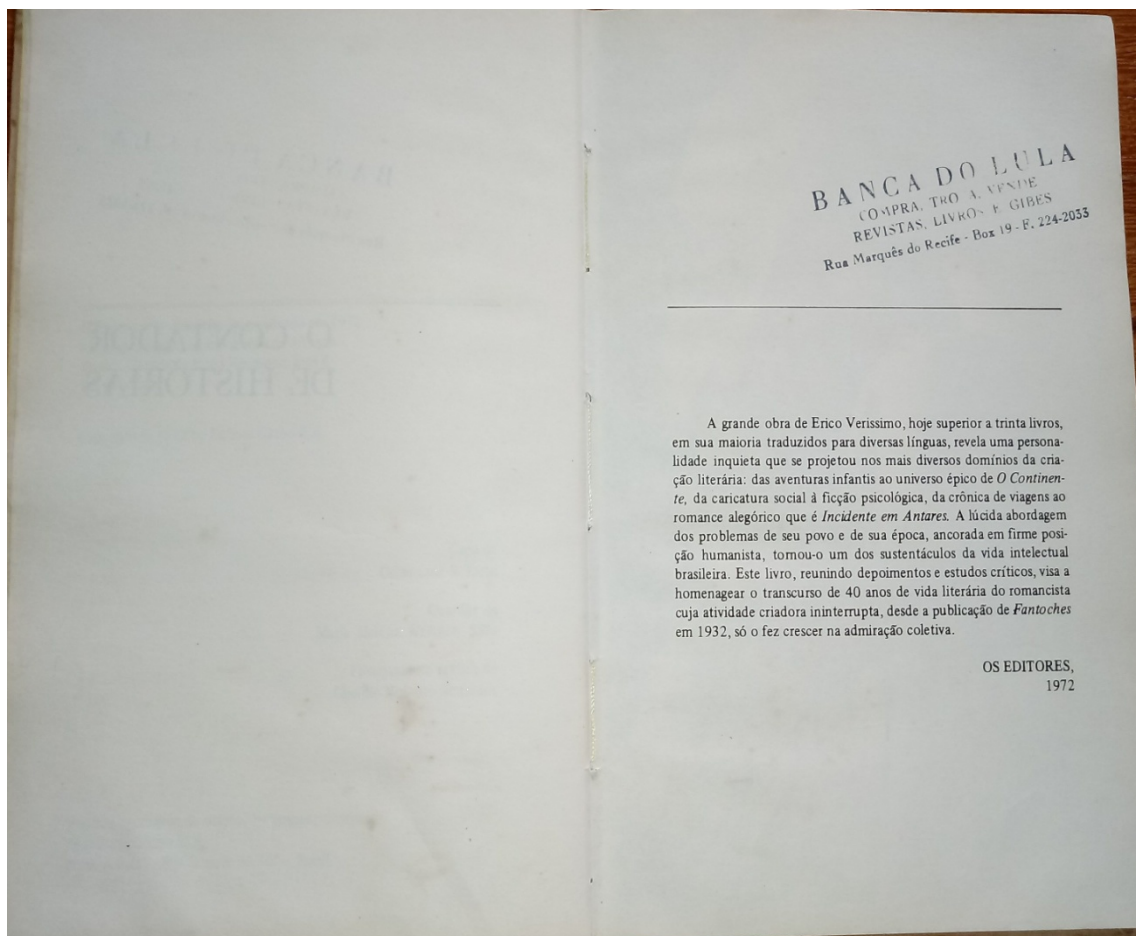
Páginas iniciais com as informações do livro, inclusive com o nome dos colaboradores que escreveram artigos que compuseram o mesmo, (Livro de arquivo pessoal).



FONTE: Acervo particular: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, sem paginação, 235 p.

IMAGEM 3:

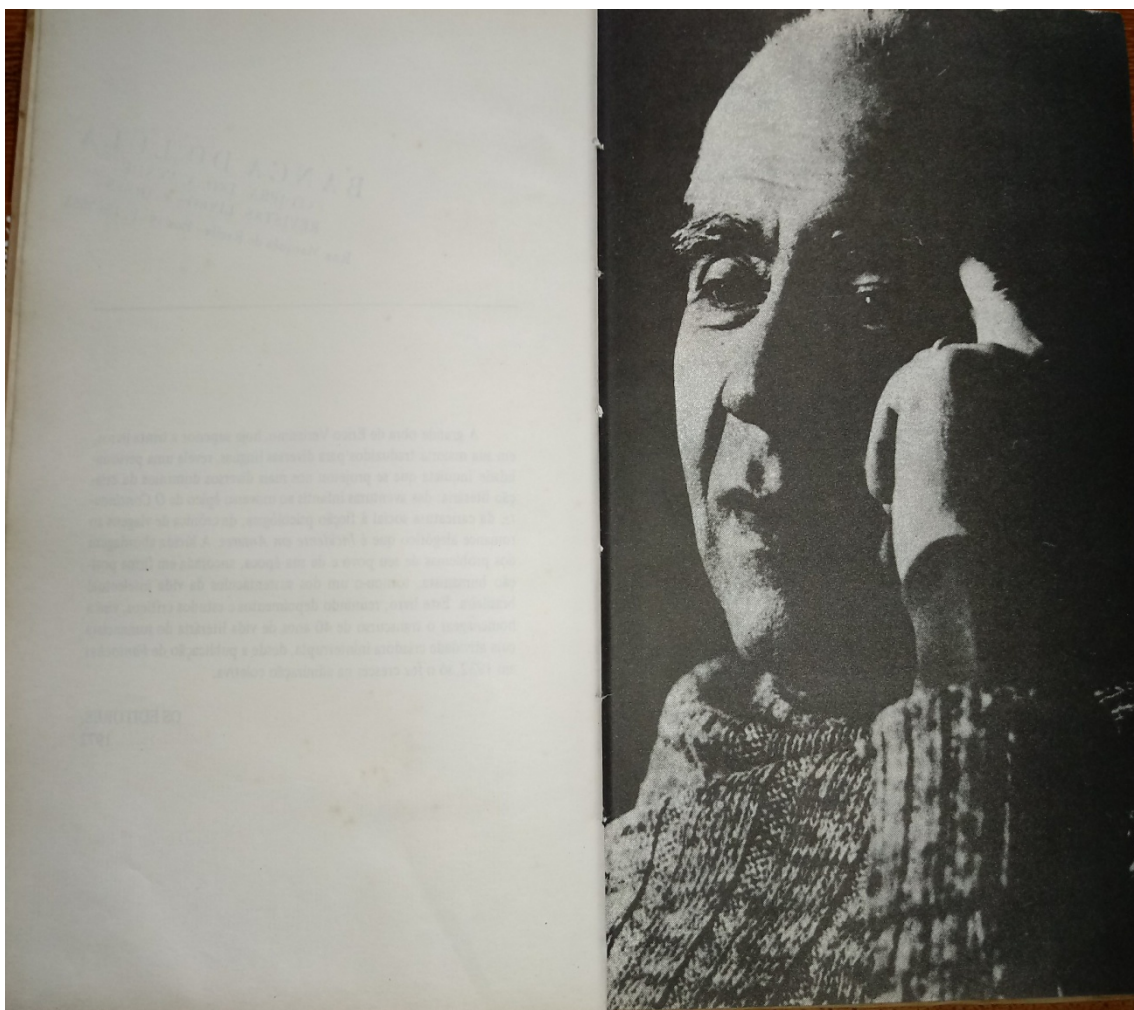
Comentário dos Editores sobre os 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo, ainda na obra “O Contador de Histórias”, (Livro de arquivo pessoal).



FONTE: Acervo particular. CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, sem paginação, 235 p.

IMAGEM 4:

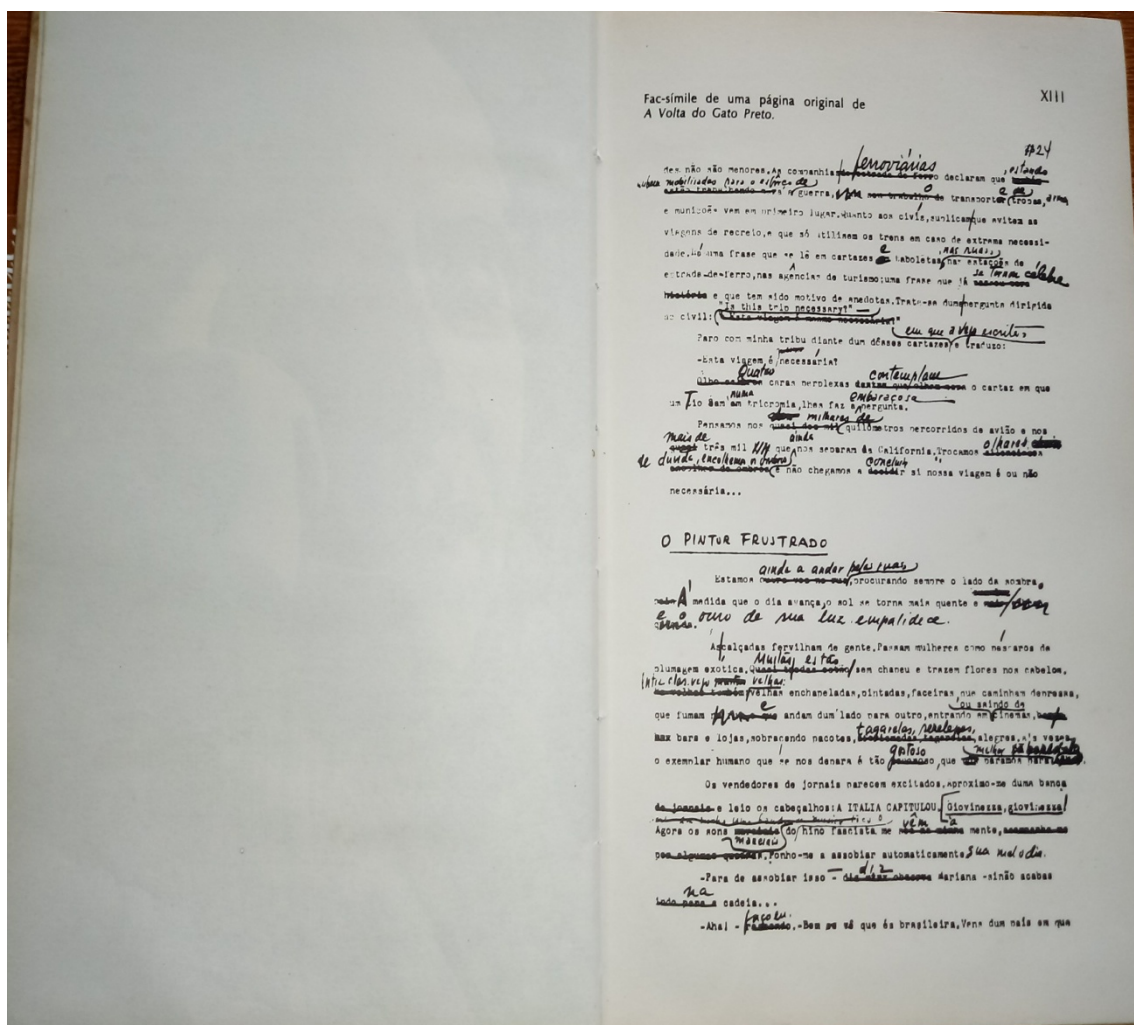
Imagem de Érico Veríssimo, presente no livro “O Contador de Histórias”, (Livro de arquivo pessoal).



FONTE: Acervo particular. CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, sem paginação, 235 p.

IMAGEM 5:

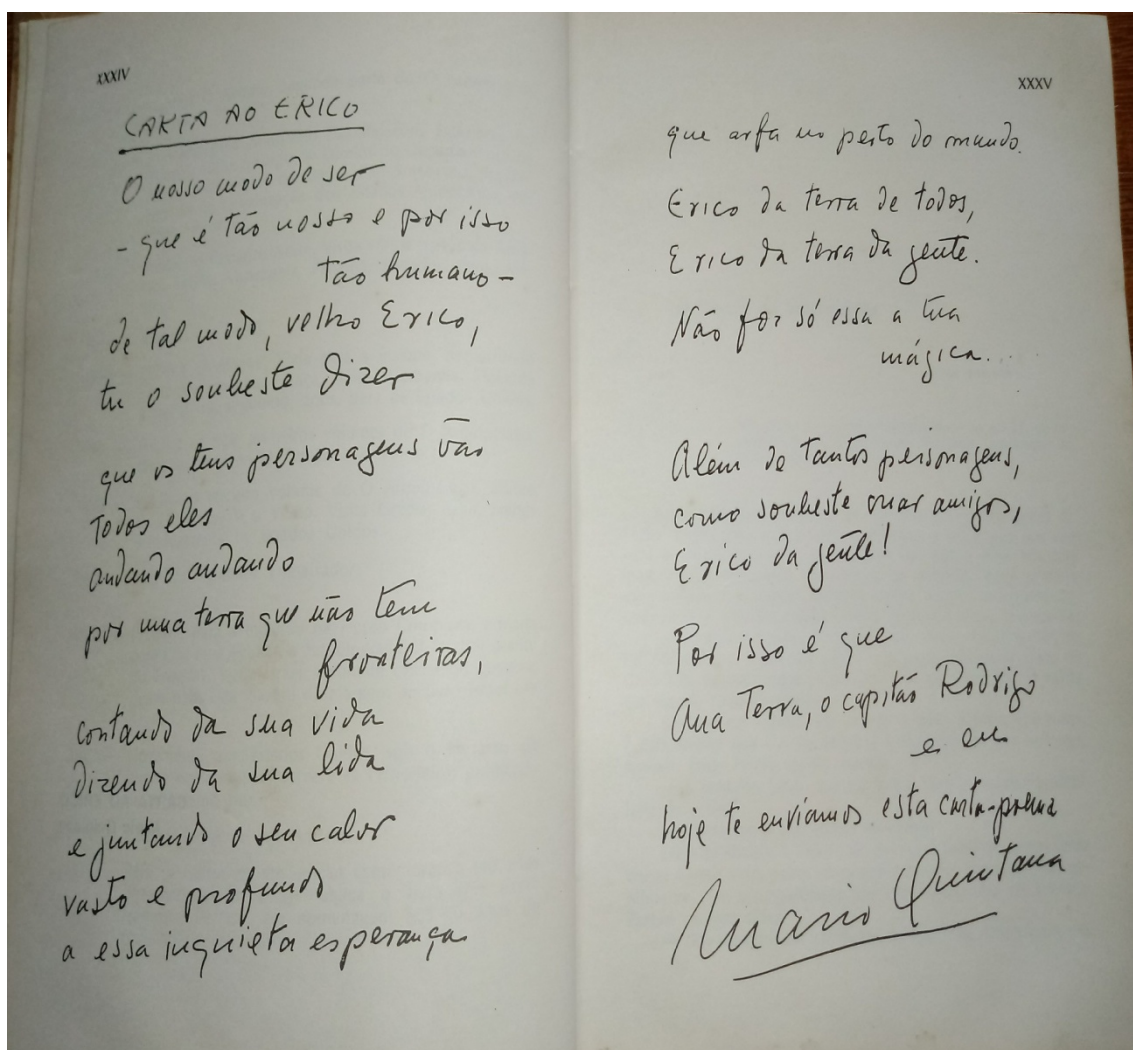
Fac-símile, presente no livro “O Contador de Histórias”, sobre o livro *A Volta do Gato Preto*, também de autoria de Érico Veríssimo, (Livro de arquivo pessoal).



FONTE: Acervo particular. CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, sem paginação, 235 p.

IMAGEM 6:

Homenagem de Mário Quintana à vida literária de Érico Veríssimo, e a celebração pela amizade dos dois, presente no livro “O Contador de Histórias”, (Livro de arquivo pessoal).



FONTE: Acervo particular: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, sem paginação, 235 p.

VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcelo Santos de; SILVA, Rodrigo Machado da. (Org.). Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - *Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto*. Ouro Preto: EDUFOP, 2014, 1 – 12. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/static_server/media/arquivos/sistema/trabalhos/Franciele_Machado.pdf>, acesso em 17/01/2018.

AGUIAR, Flávio. Brusco Lampejo, Digressão sobre a presença de Erico Verissimo em Brigada Ligeira, de Antônio Cândido. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Leituras Cruzadas: diálogos da História com a Literatura*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2000, pp. 215–253.

AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 19ed. São Paulo: Saraiva, 2009, 820 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 13–15.

ANDREATTA, Tanice, BEROLDT, Leonardo, WANDSCHEER, Elvis Albert Robe & ANDRADE MIGUEL, Loveis de. *Origens da formação agrária sul rio-grandense no contexto brasileiro*. Artigo apresentado no 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural (SOBER), Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009, 23 p.

ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de. A formação, os deslocamentos: modos de escrever a história literária brasileira. *Revista brasileira de história comparada*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1991, v.n 9, 2006, pp. 13–33.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, 280 p.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. São Paulo: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23, n. 2, pp. 10 – 14.

ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Martin Claret, 2004, 173 p.

Atlas das representações literárias de regiões brasileiras / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2006, 87 p.

AVELAR, Alexandre. Retomando um debate: a política externa no primeiro Governo Vargas e a construção de um projeto nacional. *Dimensões – Revista de História da Ufes*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 14, 2002, pp. 367 – 405.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Moderna, 1983, 294 p.

BICCAS, Maurilane Souza & CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista de Ensino. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de, & VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Biblioteca e formação docente: [percursos de leitura]*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 96 p.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª edição, 2ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, 1984, 554 p.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 432 p.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004, 127 p.

CAMPOS, Beatriz Badim de. *Caminhos Cruzados e Um Lugar ao Sol: o projeto literário de Erico Veríssimo*. São Paulo: EDUC, 2016. vol. 1. 150 p.

CANDIDO, Antonio. Érico Veríssimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, pp. 40 – 51.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos Decisivos 1750 – 1880*. São Paulo/ Rio de Janeiro: FAPESP/ Ouro sobre azul, 2009, 800 p.

CARVALHO, Maria Marta Chagas de. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela Educação. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, WILMA Peres da. (Org.) *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, pp. 114 – 132.

CEEE – Centro Cultural Érico Veríssimo. Disponível em: <<http://www.cccev.com.br/>>.

CESAR, Guilhermino. O romance social de Erico Veríssimo. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, pp. 52 – 70.

CHALHOUB, Sidnei. História, Literatura e Legados Historiográficos. Entrevista concedida a Cláudia Engler Cury, Elio Chaves Flores e Regina Maria Rodrigues Behar. *Saeculum: Revista de História*. Ano 15, n. 20 (2009), João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História/ UFPB, jan/jun. 2009, 183 p.

CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, 235 p.

CHAVES, Flávio Loureiro. A História vista pela Literatura. In: *Cultura Regional: língua, história, literatura*. CHAVES, Flávio Loureiro & BATTISTI, Elisa. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004, 139 p.

CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Veríssimo e o mundo das personagens. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980, pp. 71 – 85.

FAURI, Ana Letícia. *Érico Veríssimo e a Literatura*. Anais da V Semana de Letras da PUC-RS. Texto disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas_PDF/Ana%20Let%EDcia%20Fauri.pdf>. Acesso em 06 de Julho de 2017.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Penguin Companhia, 2011, 93 p.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. A busca das luzes e da ordem: a educação das crianças pobres em Minas Gerais no início do século XX (Uberabinha, 1900 – 1905). In: CAVALHO, MOURA & ARAÚJO (Org.). *A infância na modernidade: entre a educação e o trabalho*. Uberlândia: EDUFU, 2007, pp. 243 – 277.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Sobre a obra e a vida de Érico Veríssimo. Texto disponível em: <<http://www.estado.rs.gov.br/erico/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2013.

HANSEN, J. A. Debate com CHARTIER, Roger. *História e literatura. Topoi*. Rio de Janeiro, n. 1, 2000. Também: LIMA, Luiz Costa. Concepção de história literária na “formação”. In: D’INCAO, Maria Ângela e SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antônio Cândido*. São Paulo: Cia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1992, pp. 153-169.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1985, 390 p.

JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*. São Paulo, HUCITEC, 1985, pp. 53 – 70.

KANTORSKI, Evelin Leite. *A mulher e a cidade: as representações femininas no romance de Erico Verissimo na década de 1930*. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2011, 220 p.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, WILMA Peres da. (Org.) *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, pp. 93 – 114.

LUCAS, Fábio. *Ética e Estética de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: AGE, 2006, 86 p.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000, 240 p.

MACHADO, Franciele. Roger Chartier e a noção de representação: definições, diálogos e contexto historiográfico francês no século XX. In: RANGEL, Marcelo de Mello; ABREU, Marcelo Santos de; SILVA, Rodrigo Machado da. (Orgs.). Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – *Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto*. Ouro Preto: EDUFOP, 2014, 12 p.

MARTINS, José de Souza. Educação rural e o desenraizamento do educador (Entrevista). *Revista Espaço Acadêmico*, nº 49, 2005. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/049/49cmartins.htm> >. Acesso em 18 de fevereiro de 2013.

MATTOS, Rômulo Costa. As "classes perigosas" habitam as favelas: um passeio pela crônica policial no período das reformas urbanas. *Desigualdade & diversidade* (PUCRJ), v. 5, 2009, pp. 149-170.

MEIRELLES, Renata Costa Reis. *Um retrato da atmosfera urbana de Porto Alegre: as camadas médias urbanas na literatura de Erico Verissimo*. Dissertação (Mestrado e História Contemporânea). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008, 119 p.

MELLO E SOUSA, Antônio Cândido. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1976, 193 p.

MORAIS, L. E. *Modernização da agricultura, mecanização agrícola e êxodo rural em Uberlândia (1970 – 1980)*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002, 75 p.

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. *Representações de docência em romances de Erico Verissimo: a personagem Clarissa*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, 2010, 108 p.

MORICONI, Italo. Um estadista sensitivo. A noção de formação e o papel do literário em Minha Formação, de Joaquim Nabuco. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. 2001, vol.16, n.46, pp. 161-172.

MUELLER, Helena Isabel. *A década de 30 e a Educação: Sistematização de Saberes e Ordem Nacional*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/064_helena_isabel.pdf>, acesso em 20 de Janeiro de 2018.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2. ed., 2001, 411 p.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Pertencimento e alteridade: romance e formação – leituras do Brasil. In: NAXARA, Márcia Regina Capelari, MARSON, Izabel Andrade & MAGALHÃES, Marion Brepohl. *Figurações do outro na história*. Uberlândia, EDUFU, 2009, pp. 241 – 260.

NORONHA, Gilberto Cezar de. *Viagem aos sertões enunciados [manuscrito]: conphigurações do oeste de Minas Gerais*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2011, pp. 262 – 263.

OLIVEIRA, C. A. B. de. A escola regional nos seus aspectos urbano, rural, marítimo e fluvial. In: VV. AA. *A escola regional*. Rio de Janeiro: Biblioteca da Associação Brasileira de Educação, Imprensa Nacional, 1931, 21 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha nova história. *Nuevo Mundo Mundos, Nuevos Debates*, 2006. [online]. Disponível em 28 de janeiro 2006. URL : < <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560> >. Acesso em 25 de janeiro 2018.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil – Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, 390 p.

QUEIRÓS, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979, 112 p.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 477 p.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2000, 256 p.

SOUZA, Eduardo Belmonte de. *Um lugar ao Sol e Noite: a cidade em Erico Verissimo*. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011, 53 p.

STRINATI, Dominic. Cultura de massa e cultura popular. In: STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999, 270 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Caminhos Cruzados*. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1981, 299 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Clarissa*. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1981, 197 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Música ao Longe*. 36 ed. Porto Alegre: Globo, 1985, 195 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Música ao Longe*. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1981, 240 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Música ao Longe*. Porto Alegre: Globo, 1977, 196 p.

VERÍSSIMO, Érico. O Continente v. 1 e 2. In: Coletânea *O Tempo e o Vento*. Porto Alegre: Companhia das Letras, 2005, 439 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os Lírios do Campo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 286 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Saga*. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1981, 345 p.

VERÍSSIMO, Érico. *Um Lugar ao Sol*. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1982, 412 p.

VIDAL, Diana Gonçalves & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da História: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005, pp. 41 – 71.

VIDAL, Diana Gonçalves. Uma biblioteca escolar: práticas de formação docente no Rio de Janeiro, 1927 – 1935. In: CARVALHO, Maria Chagas de & VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Biblioteca e formação docente: [percursos de leitura]*. Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica Editora/ Centro de Memória da Educação – FEUSP, FINEP, 2000, pp. 11 – 36.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 439 p.

ZILBERMAN, Regina. O flâneur, de Baudelaire a Vasco, entre Benjamin e Verissimo. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Caderno de pauta simples*. Erico Verissimo e a crítica literária. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005, 363 p.

Epílogo [que entrelaça o pesquisador e sua narrativa]:

O casarão da Estância Corrego do Capim fora se esvaziando aos poucos.

Ficaram para trás, as longas horas de conversa, os bailes com a parentada, as modas dos sanfoneiros, e as visitas dominicais.

Apesar de tudo, fora um tempo feliz na vida de todos nós!

O livrinho encontrado sob a velha mesa de Bálamo está ainda mais amarelado...

É cobe a mim, contar esta história povoada de alegrias, amores, e mortes.

Aquecido pela minha grande paixão pela literatura, pela história e pela educação.

E, pelas quais, lutarei, até o fim...

Matheus Oliveira Knychala Biasi - 30 de Janeiro de 2018.